ANO XXX—Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Janeiro de 1955 — N. 12

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

SUMÁRIO

17 Anos . . . . . *Redação*
Um Médium Erudito . . . . . *Ismael Gomes Braga*
Réplica a uma Crítica Injusta . . *Arnaldo S. Thiago*
Livros e Autores . . . . . *Leopoldo Machado*
Mediunidade e Sugestão . . . . *Deolindo Amorim*
A propósito de um artigo . . . . *Edson de Abreu*
Religião e Ciência . . . . . *Alberto Lopes*
Memórias de um Espírita Baiano . *Leopoldo Machado*
O Perispírito . . . . . *Trad. de Manuel Cavaco*
Crônica Estrangeira . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . *Redação*

Aos nossos assinantes

Avisamos aos nossos prezados assinantes que, em virtude dos novos níveis de salário e do aumento do preço da matéria prima, somos forçados a aumentar o preço da assinatura de «Revista Internacional do Espiritismo» do próximo ano em diante, isto é, a começar de Fevereiro de 1955. O preço será o seguinte: cr.$60,00, porte simples, e cr.$70,00, porte registrado, assinatura anual.

Tratando-se de uma medida justa que visa a manutenção de «Revista Internacional do Espiritismo», em benefício da propaganda, estamos certos de que os nossos prezados assinantes estarão de pleno acôrdo conosco, nos auxiliando no prosseguimento da obra que não é nossa, e sim do Alto.

A REDAÇÃO.

Um Verdadeiro Tesouro

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA».

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espíta, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando tambem um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.$ 30,00 e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

ANO XXX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Janeiro de 1955 — NUM. 12

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

17 Anos

QUANDO estimamos de fato uma pessoa, o seu passamento para o Além, por mais que os anos corram, nos dá a impressão de que a ocorrência verificou-se ôntem. E' o que notamos com relação ao nosso caro companheiro Cairbar Schutel. Parece-nos que o seu desincarne deu-se ôntem, e, no entanto, o próximo dia 30 marca o 17.° aniversário da sua entrada na Pátria Espiritual, o que quer dizer de outro lado que ha 17 anos vimos desempenhando a tarefa que êle nos confiou e à qual estamos dando todos os esforços de que dispomos. com a melhor boa vontade.

Como a morte é a porta da verdadeira vida, que é a espiritual, e como ela não interrompe a marcha de uma tarefa iniciada na terra, Cairbar, com as luzes do seu espírito de escól, continua unido à sua obra, orientando aqueles que se propuseram levá-la até o momento em que Deus o queira. Se não fôsse o ajutório dos caros Espíritos, que nos encorajam e sustentam nas lutas e provações, não teriamos caminhado 17 anos depois do seu passamento, pois as grandes dificuldades por que passamos e estamos passando, não seriam vencidas.

De outro lado, sabemos que as dificuldades e os obstáculos só podem ser vencidos com humildade e paciência, virtudes de que os Espíritos se servem como ponte afim de nos auxiliarem. Nêste sentido vimos empregando o nosso raciocínio e boa vontade, plenamente certos de que se não cultivarmos estas virtudes não seremos dignos da tarefa que nos foi confiada e nem poderemos nos afirmar cristãos. O que pedimos a Jesus é que nos conceda forças para vencermos a nós mesmos praticando os seus exemplos e ensinos de amor fraterno.

CAIRBAR SCHUTEL

Não precisamos repisar o mesmo terreno no sentido de apontar aos leitores as qualidades morais, espirituais e intelectuais de Cairbar, bem como as suas obras. Acreditamos que não exista um só espírita que o desconheça, visto ter sido ele um dos mais destacados trabalhadores da seara cristã em terras do Cruzeiro do Sul. Seguindo os seus passos vamos encontrar o verdadeiro caminho do Cris-

tianismo, porque pregava êle a Verdade, de que se fez arauto logo que ingressou na fileira espírita.

Ao assinalar a passagem do 17.º aniversário do seu desincarne, pedimos a Jesus que lhe conceda mais luzes, maiores possibilidades, mais progresso, pois ao lhe desejarmos de coração isso tudo, estamos participando também desses legados espirituais, porque Cairbar saberá nos dar parte deles. E até as suas migalhas nos servem, porque nos serão da mesma forma luzes e confôrto para as nossas almas, sempre famintas do Pão Celestial.

Um Médium Erudito

ISMAEL GOMES BRAGA

Muito se tem comentado o fato de haver médiuns sem instrução literária que recebem obras de imensa significação nas letras. Chegou-se até ao exagêro de dizer que Francisco Cândido Xavier e Dolores Bacelar, cujos livros nos encantam, são analfabetos; quando a verdade é que sabem ler e escrever, frequentaram com inteligência a escola primária; mas não possuem nesta existência instrução secundária e superior para escrever livros.

Hoje vamos examinar o extremo oposto: um médium de muita ciência, imensa cultura, professor da Universidade do Brasil, membro da Academia do Esperanto, poliglota, literato, poeta em português e Esperanto; mestre entre os mestres.

Além da bagagem intelectual, é homem de moral irrepreensível, de energia perfeita. Em suma, um Espírito de elevada esfera.

Seus grandes cabedais intelectuais dão aos Espíritos muita facilidade em comunicar-se por êle; mas a êle mesmo dão uma tremenda hesitação, uma dominante timidez; sempre receia que esteja escrevendo coisas que já saiba e que lhe brotem do subconsciente como sendo inspiração. Teme que esteja interferindo com seus conhecimentos na mensagem em curso. Recebe um poema todo feito, verso por verso, e percebe que está servindo de médium, mas o assunto raramente excede seus conhecimentos, daí a dúvida e a hesitação.

Nunca publica as produções sem submetê-las à confirmação do Emmanuel, por intermédio do Francisco Cândido Xavier. Como nem sempre recebe confirmação, muitas produções não são publicadas e se perdem.

Somos de parecer que êsse excesso de escrúpulo, essa timidez hesitante, constituem um êrro e prejudicam a missão dêsse médium.

A mediunidade psicográfica tem duas finalidades bem distintas, uma próxima e passageira que justifica em certos limites esses escrúpulos de consciência delicada: a Humanidade caíu no materialismo e duvida da sobrevivência, das comunicações dos Espíritos; para despertá-la do pesadelo materialista a psicografia superior tem essa missão próxima e passageira. Dezenas de poetas que se identificam pelo estílo, escrevendo rápidamente pela mão de um médium, em sessões públicas, esmagam as convicções materialistas. Temos disto a prova no Brasil: são numerosos os intelectuais que admitem hoje o Espiritismo, graças à mediunidade de Francisco Cândido Xavier e, mais recentemente, de Dolores Bacelar.

Além dessa missão imediata e passageira que é vencer a descrença, a mediunidade psicográfica tem outra infinitamente mais importante e duradoura que é ensinar e educar. Esta segunda é de alcance eterno. Jesus não discutíu a mediunidade de Moisés nem dos Profetas, confirmou tudo que de bom eles escreveram e reformou o que de mau deixaram escrito.

Se num poema ou num romance recebemos belos ensinamentos, hábilmente dosados para nossa inteligência; redigidos com perícia que nos prende e com

valor artístico que o passe à posteridade; não importa saber quem é o Autor. Pode ser um desconhecido anônimo, ou assinar um pseudônimo que ninguém revela, como André Luis, Emmanuel, O Jardineiro, Alfredo, ou qualquer outro.

O que importa é o valor real do escrito e não o nome que o assina. Assim já ensinavam a Allan Kardec há quase um século.

Quanta banalidade aparece por aí com nomes venerandos, até de evangelistas, mas que nasce morta por não ter valor, não ter arte, não agradar!

O que decide do valor de uma comunicação espírita não é o nome que a assina, é sua própria qualidade espiritual, sua fórça construtiva.

O médium erudito a quem nos referimos aqui, cujas hesitações têm prejudicado muito sua missão, é o Prof. Dr. Luiz da Costa Porto Carreiro Neto. Vamos hoje nos permitir, violentando indiscretamente seus escrúpulos, publicar dois sonetos por êle recebidos, que ainda não tiveram confirmação alguma por parte de Emmanuel.

Conselhos

Cria em torno de ti ambiente leve;
Afasta-te do mal, que o não atraias;
Se alguma vez caiste, olha, não caias
De novo e que o pecado não te seve.

Aperta a mão do nobre e do almocreve;
Prefere o andrajo ao luxo das alfaias;
Prosterna-te no altar dos Himalaias,
E beija a alvura do estendal da neve.

Seja o teu gesto sempre mãos em prece;
Afervora-te agora; os fios tece
Do teu porvir, que sigas o bom trilho.

Tem fé, nutre esperança, e amor profundo
Consagra a Deus e a tudo neste mundo:
Serás do Eterno Pai dileto filho!

AUTA DE SOUZA.

E' de Auta de Souza realmente este soneto? Interroga o próprio médium. Não sabemos se foi realmente a jovem poetisa do «Horto» quem escreveu êstes versos; mas sabemos outra coisa que nos interessa muito mais do que a Carteira de Identidade da Autora: sabemos que êstes conselhos são sublimes e merecem ser seguidos sem hesitação, e que pela beleza da forma, pureza da linguagem, êstes versos poderão viver séculos. Vejamos agora o segundo soneto.

João-Ninguém

E' no momento crucial da morte
Que a gente sabe do valor da vida;
Vai-se a posse da coisa mais querida,
Quebra-se a fôrça ainda do mais forte.

O espírito perplexo busca o norte,
Onde o passo enverede a nova lida;
E ai dessa alma, que em transe surpreendida,
Não ache um coração que a reconforte!

Tateia e desespera longos anos;
As ilusões da Terra em desenganos
Se esboroam, se vão no azul do Além...

Ai de quem se enfatua na vanglória!
Faz-lhe justiça finalmente a história:
«Um verme, um pó, um nada — um João-ninguém...»

LUIZ DELFINO.

O médium não tem firma reconhecida neste documento e hesita, interrogando se realmente o Autor é o poeta conhecido por êste nome. Podemos estar em êrro, mas nos parece que o importante aqui é o ensino e não a pessoa do Autor. Se pelo fruto se conhece a árvore, êste soneto não pode ser de um ignorante nem de um mau, tem que ser mesmo de Luiz Delfino ou de outro espírito da mesma elevação.

Sôbre essa questão de nomes, Allan Kardec recebeu e nos transmitiu precioso ensinamento. Disseram-lhe os Guias que os Espíritos de uma mesma esfera podem substituir-se e por vezes a mensagem vem de um que não tem nome na Terra, mas assina o nome de outro da mesma esfera que tenha sido conhecido dos homens.

Um grande Espírito que já cumpriu muitas missões sôbre a Terra, já teve diversos nomes, muitos títulos, e dá pouca atenção a nomes e títulos. Nosso mestre mesmo deu disso eloquente prova, deixando de lado um nome ilustre para assinar seus livros com um pseu-

dônimo que então era totalmente desconhecido.

Admitamos que os dois sonetos aqui impressos estivessem sem assinatura alguma. Isso não lhes diminuiria o valor, porque o valor está na obra mesma e não no nome que a assina. Para a segunda missão da mediunidade, a missão maior e eterna, a de transmitir ensinamentos, a identidade do Espírito comunicante não tem significação. E a outra missão é muito passageira.

Réplica a uma Crítica injusta

ARNALDO S. THIAGO

COM êsse título, vem o prezado confrade sr. Manoel Alba, de Ribeirão Preto, refutar, em artigo inserto na Revista Internacional do Espiritismo de novembro último, o nosso modo de ver com relação a informações que André Luiz nos ministra acêrca de determinadas ocupações dos Espìritos no plano da vida real, para onde todos nós temos de seguir, mais hoje, mais amanhã, na hora que Deus tenha determinado.

Respeito fraternalmente a opinião do meu confrade sr. Manoel Alba e me considero feliz por sabê-lo, assim, dispôsto à defesa das suas convicções, sem as quais a moleza das idéias pode levar o Espiritismo a aguarentar-se, na expressão de Léon Denis, convertendo-se os seus adeptos em verdadeiros «técnicos» da ciência espìrita, *remplis de soi-même* (talvez, no caso, gramaticalmente, seja melhor dizer *de leur-même),* orgulhosamente fechando-se em seus conceitos, sem uma palavra sequer de debate com os que não os acompanham em seus pontos de vista. Tal estagnação sòmente póde levar à cristalização de êrros. Arejemos as idéias, submetendo-as a todas as discussões : da discussão nasce a luz, pois que «a idéia muda a pel' como a serpente», no célebre decassílabo de notável poeta.

Por enquanto, e até que me seja possìvel compreender de outro modo o *processus* da formação dos corpos, permita-me o meu caro irmão que eu tenha a liberdade de divergir do nosso querido André Luiz, de cuja mentalidade ajuizo pelo critério do codificador, critério que, segundo êle o afirma, salvou-o de cair em muitos êrros. Êsse critério, como sabe o prezado confrade, é o de reconhecer que os Espíritos são os mesmos homens, com os seus defeitos e as suas virtudes, as suas idéias, as suas prevenções, os seus pontos de vista pessoais. Imaginar-se que um irmão que foi, por exemplo, materialista na Terra e que logo depois de desencarnar se torne um iluminado com relação às cousas espirituais, é admitir para a nossa evolução o *fiat lux* da criação divina. Infelizmente, não é assim, meu caro irmão. E se Deus permitiu que as informações sôbre êsse laboratório do astral, nos fôssem trazidas por um irmão ainda tão pouco evoluido que pôde, na Terra, acomodar a sua inteligência às concepções materialistas, isso certamente terá por fim precaver-nos a respeito da teoria da preparação de moldes de corpos, destinados aos que devem reencarnar-se, em laboratórios do astral...

Nada disso edifica, meu prezado confrade. E' por se estar substituindo a boa e sã literatura evangélica, por essa de revelações fantasistas e mais adstrita ao molde dos romances do que às obras de cunho educacional, que estão medrando na seára de Jesus, confiada aos seus descuidados trabalhadores, tantas ervas daninhas, com evidente perturbação das boas relações fraternais que devem reinar entre os espíritas.

Mantendo, em toda amplitude, o meu modo de ver em assunto de tanta relevância, nada tenho a acrescentar ao que afirmei em «Idéias e Conceitos», razão pela qual limito-me a agradecer ao irmão Manoel Alba a nobreza da sua atitude, apertando-lhe a mão.

Jesus não exige o impossível ; o que Êle exige é a boa vontade, justamente o que todos podem dar sem o menor sacrifício. — MARIQUINHAS.

LIVROS E AUTORES — *LEOPOLDO MACHADO*

INICIAÇÃO ESPÍRITA, Tomo I, vários autores — S. Paulo.

Já iniciámos a leitura, que melhor diria, o estudo, da série de livros que a *Federação Espírita do Estado de S. Paulo* está distribuindo para a sua *Escola de Aprendizes do Evangelho*. O primeiro volume, *A Criação*, a *Evolução da Terra*, o *Velho Testamento*, já foi lido e analisado.

Publicámos já, nesta revista, uma crônica, A UNIFICAÇÃO VIRÁ DE S. PAULO, cujos pontos de vista, a despeito de impugnado pelo jornal, UNIFICAÇÃO, mantemo-los, integralmente, alheio, completamente, no que se possa pensar, e dizer, e julgar de nós. Vemos, agora, na série que estamos lendo, a confirmação daquilo que dissemos e que aquí afirmamos. Nos livros e na concepção da *Escola de Aprendizes do Evangelho*, e na *Iniciação Espírita*, servida pelos volumes.

Temos pregado que o Espiritismo não é doutrina que se aprenda sem estudos sérios e substanciosos. Aliás, uma característica da «Doutrina de que se disse a primeira palavra e nunca se dirá a última». Ademais, se é perigoso seguir uma doutrina sem conhecê-la bem, mais perigoso será seguir assim o Espiritismo, que não tem sacerdotes nem pastores. O menos que poderá acontecer, será um fanatismo absorvente. E, dos fanatismos, parece que aquele provocado por seres que não vemos, nem sentimos, será, indiscutivelmente, o pior fanatismo...

Antes de falarmos do primeiro livro da série de 12 volumes, que recebemos, falemos, um pouquinho, de nós mesmo. E' tão bom, falando dos outros, recordarmos nossa própria obra! E' tão bom, embora possamos incidir no *vanitas, vanitatos*, do *Ecclesiastes!* Pois, aqui vamos falar de nós, para que os prezados irmãos de São Paulo saibam e sintam que, embora distante, houve já um confrade que compreendeu e sentiu o que êles estão, exatamente, compreendendo e sentindo agora.

Já tivemos a veleidade de fundar e dirigir um *Curso de Cultura Religiosa*, que fundamos no *C. E. Fé, Esperança e Caridade*. Inauguramo-lo com 14 alunos. E o encerramos com três alunos apenas, um jovem — Amadeu Ferreti, — de Bangú e duas professoras diplomadas—Alba e Belinha de Carvalho — de cá. Tivemos, a despeito da displicencia dos alunos, a satisfação de, tempos depois, ouvir de um, menos perseverante, depois de uma conferência em que brilhara: «Meu brilhareco fiquei devendo as suas aulas».

Não nos animamos a continuar com o curso, absolutamente gratuito, no ano seguinte. Realizado o *Congresso de Mocidades Espíritas*, em 1948, e criado seu *Conselho Consultivo*, que teve existência efêmera, que se extinguira, aliás, também com a nossa conivência, pensando que o movimento de moços da F. E. B. iria, a essas alturas, fazer mais e melhor do que estava fazendo o Conselho; criado, como estavamos dizendo, o *Conselho Consultivo*, que funcionava na séde da *Sociedade de Medicina e Espiritismo*, levamos para lá o *Curso de Cultura Religiosa*, agora, dividido com outros professores. Outra decepção. Até diretores do Conselho, e pregadores, deixavam de assistir as aulas, sob alegação que havia muito trabalho de secretaria a fazer, exatamente, na horinha mesma das aulas...

Extinto o Conselho, estaria extinto o *Curso de Cultura Religiosa*, se não insistissemos, teimosamente, com o Delfino Ferreira para que suas aulas fossem encorporadas à *Faculdade Brasileira de Estuaos Psíquicos*, de que êle fôra guindado a diretor; Faculdade também em estado de desânimo. As aulas foram ministradas por nós e outros professores da primeira época e no mesmo ambiente, como o próprio Delfino, Newton de Barros, Deolindo Amorim, Lauro Pastor de Almeida, Carlos Imbassahy...

Vamos, agora, ao volume em estudo.

Comecemos pela capa, em azul e amarelo carregados, uma grande escada à direita, que termina lá por cima, naturalmente na *Escola de Aprendizes do Evangelho*. Se falta certa alegria e comunicabilidade ao desenho, a gente sente vontade de subir por ela e penetrar a Escola. Foi o que fizemos, simbolicamente, dando com a *Apresentação*, assinada por Edgard Armond, secretario geral. Vimos os graus em que se dividem os discípulos, lembrando-nos até dos tempos em que militamos na maçonaria — *Aprendiz, Servidor, Discípulo* — Vimos, também,

que «as despesas da edição do livro foram pagas pelos próprios aprendizes». Otimo! Os espíritas, acostumados a receberem tudo de graça, como eram nossas aulas, sem despesa alguma para êles... Passamos ao Plano-Convite, em 13 itens. Alguns, com subdivisões. Chamou-nos a atenção a subdivisão *c*, da alínea *4* da divisão *5 : a se esforçarem nessa fraternidade de aprendizes até que, por seus proprios atos e méritos, possam se transformar em autenticos discípulos do Cristo, em espírito e verdade.* Chegamos ao 1.º Ponto : *A Criação,* que é, como o 4.º e as notas anteriores, tudo, assinado por Edgard Armond. Exposição sucinta e didática, e bons desenhos, ótimos gráficos demonstrativos, da *Fase da Nebulosa,* com o *Plano da Manifestação* de que se vê sair a *Ação do Verbo,* e da *Formação do Sistema Planetário* e da *Formação do Planetário Solar.* Aceitemos, como ponto vivo, na história da formação da Terra, a concepção filosófico-científica de Laplace: nosso sistema planetário, heliocêntrico, provem de uma mesma nebulosa, de que saira, primeiro, o sol; depois, os planetas, os satelites, os cometas. Se não se fala, no ponto em análise, na teoria de Laplace, nada vimos que, em tese e a rigor, possa invalidá-la.

Os pontos 2.º, 3.º e 5.º reservavam-nos uma surprêsa, uma agradabilissima surprêsa ao espírito : trazem a assinatura de Carlos Jordão da Silva. Não haviamos descoberto, durante nossa grande e boa amizade, o nosso convívio de 40 dias na *Caravana da Fraternidade,* nenhuma qualidade didatica no Carlos. Nem suas qualidades de pesquisador de coisas sérias e substanciosas. Surprêsa que seria maior, certamente, se não lhe houvessemos ajustado, assim nos conhecemos no *Congresso de Unificação de São Paulo,* de Novembro de 1948, o *Amazonas,* em vez do *Jordão,* dada a sua capacidade de trabalho. Lemos, assim, com redobrado interêsse o segundo ponto A TERRA, sua *formação e aparecimento de seres vivos;* e 3.º ponto, as *Raças Primitivas* e o 5.º *Selecionamento das Especies.* Temas e dissertações ilustradas a graficos e desenhos elucidativos.

Pelo que já dissemos e pelo que haviamos lido até aqui, o livro nos valeria muito, considerando-se o poder da voz do coração. Mas, é força confessar que as outras colaborações, que os outros colaboradores emprestam maior valor e mais subido interêsse, emprestando ao volume; emprestam-lhe uma feitura diferente, um excepcional mérito. Assinam os outros trabalhos, como responsáveis dos pontos subsequentes: Godoy de Paiva: *Civilização Mesopotamia, Abrão e a semente do povo hebreu. Seu estabelecimento em Canaan. Sua descendência.* Tudo matéria do ponto 6.º, e o ponto 9.º, *Preparação dos Hebreus no Deserto. O Decalogo. O Regresso a Canaan,* e o 10.º, a *Morte de Moisés.* E Manso Vieira, o 7.º ponto: *José. Mudança do Povo Hebreu para o Egito. A Escravidão até Moisés,* e o 8.º: *Missão Planetária de Moisés,* e o 11.º: *O Governo dos Juizes.* Iracema Martins de Almeida, o 12.º ponto: *O Governo dos Reis até Salomão,* o 13.º: *Separação dos Reinos. Sua destruição e cativeiro,* o 14.º: *Período do Cativeiro até a reconstrução de Jerusalém.* Pedro de Camargo, o grande Vinicius: *Os Profetas de Moisés a Malaquias,* o 15.º, que se extende por mais dois pontos, *o 15 a e b.* Volta Edgard Armond, aos 16.º e 17.º pontos: *História de Israel e Dominação Estrangeira até o Reinado de Adriano.* Vinicius termina esta parte do livro, subscrevendo o 18.º ponto: *Os Livros.* Seguem-se então, os Comentários dos Espíritos, naturalmente os inspiradores do admirável plano, transmitido por médiuns de confiança.

Lemos e anotamos tudo, sublinhando aquilo que precisamos aprender e recordar.

Tempo bem empregado, o nosso, na importante leitura-estudo que fizemos do primeiro volume da magnifica série INICIAÇÃO ESPÍRITA. E estamos nos preparando para a leitura do segundo volume.

Não sei se houve quem dissesse algo sôbre a magnifica coleção, sôbre os livros já editados. Ou se se trata de livros que passam, ás vezes, criminosamente, em face da displicência ou da falta de tempo de muitos espíritas, que os tiverem e os leram, a exemplo do que sucede com muitos volumes que vão por aí, obras de espíritas e para a difusão do Espiritismo. Nós mesmo já tratámos de alguns por esta *Revista.*

Como gostamos de fazer justiça e de ser, por vezes, também, alvo de manifestação de justiça, sempre que as obras nos agradam, que o livro nos satisfaz, vamos dizendo o que pensamos e sentimos sôbre êles.

E sentimo-nos feliz com isso...

Mediunidade e Sugestão

DEOLINDO AMORIM

(Conclusão)

A sugestão — segundo Radecki — «*consiste na influência que exercemos sôbre a subconsciência alheia, para aí introduzir os conteúdos intelectuais que não queremos submeter à critica do sugestionado e que são destinados a provocar tendências ativas não controladas*». Já por aí se vê que não é possível confundir sugestão com mediunidade. Além de tudo, convém notar que a sugestão depende muito do prestígio da pessoa que sugestiona. Quando, por exemplo, uma pessoa de projeção social ou científica diz uma coisa, quase sempre há quem aceite o que essa pessoa diz, e aceita simplesmente por causa do nome, da importância, da posição social, etc. Um professor, em certos casos, pode ter muita influência sôbre um aluno. Quando isto acontece, ainda que o professor diga um absurdo, o aluno aceita o absurdo sem exame, sem discussão, porque a autoridade do professor pesa muito nos julgamentos. Um professor pode, portanto, impôr uma idéia errônea a um aluno, por meio da sugestão, desde que o aluno queira *ACEITAR* passivamente o que o professor lhe diz. Nem sempre, porém, isto acontece, porque há muitas pessoas que não se deixam sugestionar, em hipótese alguma.

No fenômeno da sugestão o *paciente* exerce influência muito mais importante do que se pensa. Houve tempo em que se pensou que sómente o *agente* podia exercer autoridade sôbre o paciente. Hoje, porém, já se reconhece que o papel do paciente é também decisivo. Não basta querer sugestionar: é necessário que o paciente consinta em ser sugestionado, esteja com disposições psicológicas para aceitar aquilo que se lhe diz. Até mesmo nos casos de inconsciência, provocados pelo sonambulismo, prevalece, muitas vezes, a vontade do paciente, como na experiência de Colavida, na Espanha. Ora, Fernandez Colavida, um dos mais conhecidos experimentadores da Espanha, aplicou o passe magnético em determinado paciente e, depois, *sugestionou* o espírito para que êle negasse o que havia dito, pouco antes. Era a contraprova de uma experiência. No entanto o espìrito não obedeceu à sugestão, continuou a sustentar o que afirmara na experiência anterior. Isto prova, portanto, que, no fenômeno da sugestão, a reação do paciente, conforme seja o estado psicológico, contorme sejam as suas condições espirituais, pode neutralizar, até, a ação do agente.

Os fenômenos mediúnicos não obedecem a processos sugestivos. Logo, não é possível enquadrar a mediunidade no campo da sugestão. Acontece, porém, que a sugestão tem relação com o magnetismo, o sonambulismo, o hipnotismo, por exemplo, mas é preciso saber que o Espiritismo estuda êsses fenômenos como parte da fenomenologia psíquica, em capítulo especial, denominado *animismo*, isto é, uma categoria de fenômenos produzidos pelo espírito do médium. O Espiritismo não confunde os fenômenos de animismo com os fenômenos de além túmulo, que são fenômenos produzidos por espíritos realmente desencarnados. Há, porém, um aspecto a considerar. Em determinados estados patológicos — é o caso da nevrose, da histeria, etc. — ocorrem certos fenômenos anímicos em que a alma, emancipando-se transitóriamente do corpo, revela conhecimentos que não possue no estado normal, toma atitudes completamente diferentes do comportamento habitual da criatura, etc. São os casos de alteração da personalidade. O êrro de muita gente está justamente no seguinte ponto: pelo fato de, em estados doentios ou patológicos, ocorrerem fenômenos, alguns psicólogos, que viram os fenômenos apenas pelo prisma da psiquiatria, generalizaram logo e, assim, declararam que a mediunidade é um «caso patológico».

O psiquiatra vive à procura de doenças mentais, e só lhe interessam os casos patológicos. E' claro que certos psiquiátras, tendo examinado médiuns doentes, médiuns desorientados ou desequilibrados, não tiveram outra saida senão firmar um diagnóstico geral: insanidade mental. Os psiquiátras viram apenas um lado do fenômeno. Nem to-

do fenômeno, porém, se explica pelo sonambulismo ou pela hipnose. A sugestão pode provocar certos fenômenos psíquicos, mas êstes fenômenos pertencem ao quadro dos fenômenos anímicos e, com isto, não se invalida a veracidade dos fenômenos de além túmulo ou extraterrenos. Exagêro, porém, é querer explicar os fenômenos espíritas pela sugestão, quando se sabe, que tais fenômenos não dependem da vontade humana, como já dissemos no artigo anterior.

A propósito de um artigo

EDSON DE ABREU

Em o número de janeiro-fevereiro-março de 1953 da «Revista Espírita do Brasil» publiquei artigo sôbre o título de «Em defesa do vocábulo Metapsíquica», em que, ao final referi-me ligeiramente a certa opinião do eminente confrade doutor Carlos Imbassahy. No número seguinte da Revista, a pedido de um amigo dele aquele beletrista resolveu provar o êrro de algumas de minhas afirmações. Apesar de me ser muito facil refutar os argumentos do grande escritor patrício, sómente agora é que me é possível isso fazer.

Calculo qual deve ter sido a surpresa dêsse amigo do ilustre beletrista patrício ao ver que êste não cuidava da tese central de meu artigo e, até, fazia confusão em relação a alguns tantos pontos, por vezes importantes.

E é assim, porque ao meu ver — e faço constrangido esta observação — Imbassahy não leu, com o cuidado que mereciam determinados pontos de meu artigo. Digo mais, até: êle passou uma vista de olhos em meu artigo, como se diz, escreveu apressadamente, para, talvez, livrar-se o mais depressa possível de tedioso encargo. Não é devido a má fé que formulo esta opinião é que tanta é a crença que voto no valor intelectual do grande escritor patrício, que não poderia acreditar não houvesse êle penetrado na essência de meu pensamento; tanto é minha confiança em sua honestidade que não poderia supor houvesse êle *deliberadamente* omitido uma parte de certo argumento meu como provarei mais adiante.

De passagem, lembrarei que as citações que se encontram no trabalho de Imbassahy perderam o valor que pudessem ter em virtude de se referirem a idéias não minhas, mas resultantes de colaboração que me deu o doutor Imbassahy... Com efeito: a certa altura de seu trabalho, Imbassahy colaborou indevidamente comigo... Diz êle referindo-se a mim: «Pouco depois nos diz que a Metapsíquica não tem por objetivo, apenas, provar a realidade do fenômeno metapsíquico, o que é a tese do seu artigo». Ora, esta afirmativa é de importância, mas não é a minha tese... Em meu artigo eu lembrava a conveniência de se substituir a expressão «Espiritismo Científico» pelo vocábulo isto é, pela palavra «Metapsíquica». Apresentei, às páginas 13 daquele trabalho, quatro razões para se usar, unicamente, linguagem científica, a expressão «fenômeno metapsíquico». Já no início de meu trabalho (quinto parágrafo), perguntava eu: «Existirá, realmente, identidade de essência entre o que se denomina de Metapsíquica e o que se chama Espiritismo Científico» — desenvolvendo meu tema, concluia eu que sim.

Como, entretanto, teria o doutor Imbassahy chegado àquela conclusão a que mais adiante me referi — muito simples é que, à guisa de epígrafe ao meu trabalho, a redação transcrevera o seguinte trecho do artigo: «A Metapsíquica não tem por objeto apenas provar a realidade do fenômeno metapsíquico e procurar sua causa: êsse é apenas um aspecto do que ela pode estudar.» Quem colocou em epígrafe aquele trecho foi a redação, e não eu.

Quem lesse, entretanto, todo o artigo com cuidado, logo perceberia minha tese.

Outro ponto em que se enganou meu ilustre confrade, foi quando julgou que, com as palavras mais acima comen-

tadas, eu estava dizendo ou querendo dizer que a Metapsíquica se deveria preocupar com coisas tais como a reincarnação, lei de causa e efeito, etc. E' o que se depreende de vários parágrafos do seu artigo, intitulado «O vocábulo Metapsíquica», ao qual remeto meu leitor. Vejamos, agora, o que escrevi logo depois de haver dito que a Metapsíquica não tem por objetivo apenas provar a realidade do fenômeno Metapsíquico e sua causa. «Os fenômenos, lembremo-nos, não apenas podem ser estudados sob aquele aspecto, mas também podem ser estudados unicamente pelo aspecto experimental; assim, há todo um grande capítulo dedicado às leis do fenômeno, à melhor compreensão da personalidade humana, às inter-relações entre espírito e perispírito e corpo somático etc. (pág. 13 e 22).

Embora o trecho acima não se apresente muito claro (há um «unicamente» que pode causar confusão), ve-se que eu queria simplesmente mostrar que além do valor analítico (prova do fenômeno como real) poder-se-ia, ainda, cuidar das inter-relações entre êsses fenômenos, das suas leis, da concepção mais profunda do subconsciente a que levam naturalmente aqueles estudos. Nada ali que indicasse devesse a Metapsíquica se preocupar com problemas eminentemente filosóficos, como a lei de causa e efeito por exemplo...

Resolvido êste ponto e antes de passar à refutação daquele em que o doutor Carlos Imbassahy mais se aproxima da refutação da minha tese, quero abrir um parêntese afim de tratar de dois assuntos sugeridos pela idéia do Dr. Carlos Imbassahy e que acabei de comentar. Timidamente lembrarei ao eminente confrade que, se êle pretende que, provar a existência do fenômeno é o único objetivo da Metapsíquica direi que se assim fôsse, perderia ela seu cunho científico. Remeterei, a propósito o meu leitor ao próprio número da Revista em que apareceu o artigo que estou refutando; lá, às páginas 22, nos «Estudos Doutrinários» do C. E. «18 de Abril», de forma simples, entretanto muito certa, faz-se distinção entre conhecimento vulgar e conhecimento científico, entre fenômeno e ciência, entre a simples constatação do fato e a sua correlação com os demais, com a busca e pesquisa de suas causas... Em segundo lugar lembrarei ao meu eminente contraditor que os estudos psíquicos tendem a levar o pesquisador a determinadas conclusões de ordem filosófica, mesmo tratando de assuntos eminentemente científicos, o que é favorecido sem dúvida pela natureza especial dêsses estudos. Até notórios adversários da hipótese espírita não se iludiram a êsse respeito. E' o caso de René Sudre, que, ao apresentar os volumes da «Bibliothèque Internacionale de Science Psychique» in «Les Phénomènes Physiques de la Médiumnité», de Schrenck-Notzing, assim diz referindo-se à ciência que do psiquismo se ocupa: «*Elle laisse le champ ouvert a de passionantes controverses dont l'enjeu EST LE SECRET DE LA DESTINÊE HUMAINE*» (grifos meus). Não é absolutamente necessário que áquelas cheguemos mas é legítimo a elas chegarmos, desde que seu carater hipotético seja mais ou menos notado. Bem sei que isto se choca com opiniões de anti-espíritas, mas penso também que o Doutor Carlos Imbassahy que tem descoberto tanta moeda falsa no Brasil, não aceitará, também, a falsificada em terras estrangeiras...

Fechado o parêntese, aliás de importância secundária para a tese de que estamos tratando, comentarei, agora, aquele ponto em que o autor mais se aproxima de minha tese. Eu fizera notar que me parecia, e com razão, que Imbassahy colocara a Metapsíquica fora do Espiritismo quando dissera, respondendo a Três Estrelinhas: «Pois saiba que a Metapsiquica é a base do Espiritismo. Não há Espiritismo sem Metapsíquica. Sem essa Ciência perderia toda a sua fôrça, todo o seu sustentáculo que é a prova.» Diante de minha opinião supra declarada, assim se defende o ilustre beletrista patrício: Que o julgasse estava no seu direito, mas que estivesse com a razão é que não é possível. Se eu digo que a Metapsíquica é a base do Espiritismo, que é o seu sustentáculo, que é a sua prova, como o estaria colocando fóra da Metapsíquica ou a Metapsíquica fora dele?»

A resposta é fácil: primeiro, porque dizer que a Metapsíquica é a base do Espiritismo «tout court» é já assim a colocar. E' evidente que, se Imbassahy se referisse a Espiritismo Filosófico a

questão mudaria de figura; do modo como o fez é que não. Além do mais há que se considerar o seguinte: que nem sempre quando afirmamos que algo é a base de alguma coisa qualquer nem sempre estamos querendo dizer que essa base faça parte da coisa considerada... Assim, quando digo que esta mesa é a base em que apoio minha máquina de escrever, ninguém entenderá que a mesa faça parte de minha máquina... Por outro lado, quando se diz que a base o sustentáculo da Geografia Física é a Geologia não se quer confundir as duas ciências numa só. A Meteorologia e a Climatologia são distintas uma da outra apesar de a primeira ser a base, o sustentáculo da segunda. E assim por diante... Aliás, às paginas 5 da Revista, nosso prezado confrade vem em auxílio involuntário do que digo quando afirma, referindo-se à questão da imortalidade da alma, lei de causa e efeito, reincarnação etc: «Tais Doutrinas, porém já fazem parte de OUTRA DISCIPLINA, o Espiritismo.» (Grifos meus).

Em consequência, segue-se que «a emenda foi pior que o soneto», pois como se nota nitidamente na última frase que transcreví, nosso eminente confrade retira do Espiritismo (pelo menos em seu artigo que analiso) toda a matéria científica...

Pois, se errei, o que eu advogava era simplesmente a adopção do VOCÁBULO Metapsíquica em substituição à expressão Espiritismo Científico.

Em contrário à minha tese e àquela que é defendida pelo Dr. C. Imbassahy, há que destacar a do meu prezado amigo e eminente confrade, Deolindo Amorim. Êsse autor é um dos que aceitam a tese do tríplice aspecto do Espiritismo — e assim se afasta do doutor C. Imbassahy do artigo que comento; por outro lado, ele é contrário à minha tese... Para resumir a questão, direi que êle aplicou ao caso o tipo de argumentação usado em seu livro «Africanismo e Espiritismo». Ora, evidentemente esta não era bem a posição a ser tomada pois não se tratava aqui de reunir idéias opostas, mas simplesmente de se substituir a expressão «Espiritismo Científico» pelo vocábulo «Metapsíquica». Mesmo assim o sentido geral de sua tése era bom; parece-me, até, que êle chegou em uma de suas preleções no C. E. «18 de Abril» a considerar e defender a idéia de que não convinha fosse feita aquela substituição, em virtude de possuir, a Metapsíquica, *um elemento emocional de ordem anti-espírita* a ela ligado, *que se transmitiria ao vocábulo.*

ESTA É, COM EFEITO, A MELHOR ARGUMENTAÇÃO QUE SE PODERIA EMPREGAR.

Argumentação que, diga-se de passagem não foi apresentada pelo Dr. C. Imbassahy. O que é natural, pois êle não chegou propriamente à discussão de minha tése.

A segunda tése de Amorim, se aceita, implica em afastar pelo menos no momento, a possibilidade de aplicação da minha idéia, pois aquele elemento de ordem emocional realmente existe. Daí me parece lícito inferir que minha tése, se logicamente fundamentada, não o é *psicologicamente*. Solução a que chego sem grande dificuldade não tanto por considerar apenas psicologicamente errada minha tése, mas principalmente por me mover o amor da verdade. Como quer que seja, continuo a acreditar na oportunidade do tratamento do tema, que outro mérito não tivesse teria êste: o de ventilar problema grave e sôbre o qual as opiniões ainda são muito diversas. E' também assunto a merecer *ainda* uma vez a consideração do Doutor Carlos Imbassahy, o eminente espírita a quem tanto deve o Espiritismo no Brasil; o eminente espírita com o qual, afinal de contas, talvez, eu esteja de acôrdo, não passando senão de simples fruto de mal entendido o que externou naquele artigo o eminente espírita ao qual rendo, de público, o testemunho de minha admiração.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Religião e Ciência

Considerações Preliminares

I

A vida circunscrita às preocupações terrenas, quando nos compéle à resolução dos problemas de nossa existência consoante o prisma delineado pelas nossas aspirações, apresenta-nos, invariavelmente, pela ação do tempo, uma interrogação íntima no que diz respeito ao nosso destino após a morte.

Sabemos com certeza, que caminhamos, dia a dia, em direção ao túmulo e aí chegaremos a conhecer êsse destino; entretanto, as conjecturas que alimentamos sôbre a felicidade futura, no caso da sobrevivência da alma ou espírito, encaminham-nos às conclusões de que tal destino se resolverá como o definem as religiões espiritualistas, variando as situações dessa felicidade, de acôrdo com o que estabelecem os seus dogmas ou as regras de fé adotadas nos seus cultos.

De todas as religiões conhecidas, o Cristianismo, surgido há perto de dois mil anos, está representado por êsse maravilhoso código de ensinos, legado à Humanidade pela Sabedoria Divina, por intermédio de Jesus Cristo, o maior dos Missionários Celestes que vieram ter ao nosso mundo. O Evangelho Cristão ou Boa Nova, que se contém nêsse código, de procedência verdadeiramente divina, tem o poder de nos instruir sôbre as grandezas da Espiritualidade e de nos concitar a traçar na vida a conduta que se amolde ás leis imutáveis e eternas reguladoras da evolução dos seres criados para constantes atividades de aperfeiçoamentos. O Mensageiro dessa Boa Nova, como enviado celeste, revelou-se dotado de sabedoria transcendente ao legar-nos uma doutrina firmada em princípios de verdade, capazes por êsse motivo, de resolverem o problema de nossa felicidade, na vida futura, em todos os estágios da evolução espiritual.

O Cristianismo deve, pois, ser considerado como religião de procedência divina, não podendo, assim, a interpretação de seus ensinos ser alterada por dogmas proclamados por homens ou tendências sectaristas que desvirtuem a grandiosidade de sua missão.

As divergências que surgiram, nessa interpretação, desde os primeiros surtos de sua propaganda, criaram-se e continuam a ser criadas sob a influência de imperfeições humanas, através de fatores de ordem política ou de interesses contrários aos princípios do Cristianismo, pois que êste visa realizar em todas as nações, a união e não a discórdia, afim de que se cultivem nos corações o perdão e não a vingança, o amor e não o ódio.

E' fato comprovado que o Ultramontanismo, visando pela sua ação social e política, o domínio do mundo com o apoio de governos absolutos e despóticos, provocou as lutas religiosas que a História relata e onde a barbarie com o seu cortejo sinistro de crueldades, instituiu o tirânico lema do — «crê ou morre» — distanciando-o completamente do Cristianismo.

Sim, porque o Cristianismo se fundamenta no principal de seus ensinamentos — o de «amar a Deus sôbre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo». —Tudo o que se instituir em matéria de religião, fóra dêsse ensinamento que faz parte do Decálogo, como um de seus mandamentos, não pode, absolutamente, se inspirar no Cristianismo.

O amor deve se considerar como a viga mestra de toda a obra cristã para poder inspirar sentimentos altruisticos que produzam, em abundância, os frutos da Caridade.

Sem o amor ao próximo, não existirá a solidariedade e nem se poderá construir a ordem social e política de um povo nas báses do direito e da justiça

Durante os 10 tenebrosos séculos da Idade Média, os surtos da ciência estacionaram sob a fôrça tirânica de governos absolutos que lhes não permitiram os beneficios de seu progresso em pról da Humanidade. Apesar disso, o obscurantismo

dêsses séculos, não conseguiu dominar a fôrça redentora das idéias.

Nas lutas titânicas que se travaram, nesses tempos, foram glorificados muitos mártires: os nomes de Galileu, Jordano Bruno, Savanarola, Joana D'Arc e outros, continua imortalizados na memória das gerações.

Rompidas como foram, as trévas dêsse obscurantismo, o povo francês, dominado pelo ideal da liberdade, destruiu com a sua revolução, de caráter universal, os ultimos vestígios do feudalismo opressor e deshumano, abrindo para o mundo uma época de grandes e proveitosas reformas sociais.

E a marcha dessa civilização, traçando novos rumos para os destinos dos póvos permitiu que se pudessem realizar importantes progressos culturais no dominio das ciências, das artes e da filosofia.

Se a revolução francêsa, como já o disse notável escritor patrício, substituiu a nobreza da espada pela nobreza do dinheiro, não se pode deixar de reconhecer, entretanto, que ela legou à Humanidade a mais importante de suas conquistas: «a proclamação universal dos direitos do homem». Essa conquista se encontra perfeitamente fundamentada nos postulados da doutrina cristã. Os princípios imutáveis e divinos dêsses direitos consubstanciam as naturais aspirações humanas, na concretização do mais elevado padrão de civilização que se possa conceber.

Com êstes comentários inspirados nos ensinos da História, chegámos à conclusão de que sob o imperativo da evolução as marchas das civilizações não se interrompem nunca no decurso de seus aperfeiçoamentos.

Com a evidente decadência da civilização contemporânea, observa-se no cenário da política internacional, que os atuais acontecimentos estão elaborando uma outra, cujas bases inevitavelmente deverão ser inspirados nos ensinamentos cristãos, interpretados confórme a Terceira Revelação. Em tais condições acreditamos que o sistêma político, que vier a ser adotado, não sacrificará jamais a liberdade e nem permitirá que se aniquilem as conquistas do progresso espiritual de nosso tempo. Não se póde retornar ao passado. As civilizações nascem, desenvolvem-se, atingem ao apogêu e desaparecem. Outras surgem para substitui-las, no curso dos séculos, mas sempre mais aperfeiçoadas.

Consideramos, pois, que as lutas políticas de nossa conturbada atualidade, hão de culminar com a vitória integral das idéias de emancipação das consciências, ainda escravizadas em alguns póvos, ás ideologias políticas e religiosas contrárias à ordem social nos fundamentos jurídicos das sociedades modernas.

E essa vitória será inevitável, porque os póvos que vivem sob os regimes materialistas e religiosos, totalitários, afastados como se acham do Cristianismo, caminham para a desordem e a destruição. Os regimes totalitários, de qualquer espécie, ao colocarem acima de tudo os interêsses do Estado ou de crédos religiosos, anulam com isso os direitos individuais e impõem aos póvos que tiranizam, as crueldades que revoltam e paralisam a ação do progresso.

Estímulando o nepotismo na administração dos negócios públicos, livres do poder fiscalizador da crítica, os dirigentes dêsses regimes amparados, exclusivamente no direito da fôrça, decretam leis de protecionismo deliberado, visando com elas satisfazer os interêsses das minorias que representam.

As assembléias políticas dos regimes dessa natureza, embora se apregoem de democráticas, não sendo criadas com o voto livre e consciente das massas populares, representam as minorias que governam com os recursos ditatoriais da fôrça e sempre com a finalidade de se perpetuarem no poder.

Êsses regimes, condenados como já o foram no passado e também nos tempos contemporâneos, pelas ruínas de ordem moral, econômica e política que trouxeram aos povos por êles dominados, se revestem sempre das características de supremacias raciais, de coações religiosas e de tiranias, que não permitem o estabelecimento permanente da paz necessária á concórdia universal.

Concluimos, assim, que tendo as religiões por finalidade ligar pela fé raciocinada as criaturas ao seu Criador, os partidos políticos que se organizam com o nome de cristãos, contrariando essa finalidade, falseam a missão civilizadora do Cristianismo, pois Jesus deixou claramente afirmado no seu Evangelho: «—que o seu reino não é deste mundo e que de-

vemos dar a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus».

A democracia como a definiu Lincoln, sendo como é o governo «do povo, pelo povo e para o povo», só tem existência legal quando funciona com as religiões separadas do Estado ao respeitar os direitos individuais dentro dos limites de se fazer sómente o que for justo e bom.

Os governos verdadeiramente democráticos não anulam êsses direitos; ao contrário, acatam-nos e se esforçam no sentido de que a justiça se exerça sem coações de espécie alguma, impondo-se à confiança dos póvos que dirigem pelo valor de administrações honestas e produtivas.

Respeitando a liberdade de opiniões políticas e de crenças religiosas, encontram êsses governos nas massas populares, a fôrça do seu poder sob a qual conseguem impulsionar a obra do progresso dos póvos que têm a felicidade de os possuirem.

O Cristianismo, observado em seus verdadeiros princípios e sem os aparatos de qualquer pompa, concorre com os efeitos de sua ação instrutiva e educacional para transformar os seus crentes em uteis obreiros da ordem social, econômica e politica dos póvos.

Entre as nações onde certas religiões sofrem coações, declaradas ou disfarçadas, para beneficiar a supremacia de outras com a interferência de maquiavélismos políticos por parte de governos que ostentam as aparências de democrátas, as desordens se avolumam, a intranquilidade se generaliza e a manutenção dêsses governos, para situações inevitavelmente transitórias, só se consegue com o poder de fôrças armadas.

O notável escritor Emery Reves, na sua importante obra—«Anatomia da Paz» — que tanta repercussão tem tido nos meios culturais do mundo, comentando os monstruosos crimes dos campos de concentração da Europa, na última guerra mundial, cometidos com requintes de perversidade por homens e mulheres pertencentes a póvos de tradição cristã, assim se exprime: «A falência do Cristianismo como fôrça civilizadora da sociedade constitui uma tragédia incalculável. Dois mil anos são um período suficiente para se julgar a eficiência de um método, não importa qual seja o valor da doutrina. Durante êstes 20 séculos, ás vezes tem parecido que o Cristianismo, tenha, pelo menos, conseguido dominar a besta que existe no homem, controlar e dirigir as características de seus destrutivos impulsos humanos. Mas, desde que as igrejas cristãs se transformaram em organizações nacionais que apoiam os instintos pagãos do nacionalismo, em toda parte nós verificámos quão fraca era a influência do Cristianismo no mundo ocidental.

Por interêsses mundanos, elas abandonaram seus ensinamentos morais e capitularam diante dos instintos vulcânicos dos homens que estão destinados a se destruirem uns aos outros, a não ser que uma lei universal os contenham. O que era uma fôrça divina e civilizadora no Cristianismo estava no seu monoteismo, no seu universalismo. A doutrina, segundo a qual todos os homens são iguais diante de Deus e sujeitos à mesma lei, era uma idéia realmente revolucionária na história humana. Infelizmente o Cristianismo transformou-se numa hierarquia, cada vez mais dogmática e totalitária e a reação contra ela descambou primeiro para o cisma e depois para um sectarismo generalizado.» Eis aí duras verdades, expostas por êsse notável escritor que se confirmam ao examinarmos as terríveis lutas religiosas do passado e dêsse exame estabelecermos um confronto com o estado desolador da civilização de nosso século. Discordámos, entretanto, dêsse destacado escritor, quanto a expressão—«falência do Cristianismo» — por ser este obra de origem divina; e, por isso, de existência eterna e imperecível; mas, a falência que constatamos, em face dos fatos que comenta, é a dos dogmas e dos sectarismos, que desvirtuaram a missão do Cristianismo com errôneas interpretações dadas aos seus ensinos.

Jesus, no seu Evangelho, previu êsse estado a que chegaria a Humanidade. Acentuou que sua doutrina seria conhecida em todas as nações e esclareceu que o método de sua propaganda deveria ser o da persuasão e da tolerância com demonstrações inequívocas, pelas provas dos fatos, de sua origem divina.

Respeitando o direito de crêr ou não crêr no que Êle pregava, assim falou ao povo hebreu:

«Jerusalém! Jerusalém! Quantas vezes eu quís ajuntar os teus filhos como a galinha ajunta debaixo das azas seus pintainhos e tu não quiseste».

Esclareceu, com êsse ensino, que o

Cristianismo condena a tirania e a intolerância. Que tendo êle por missão «libertar os cativos e os oprimidos», como menciona o seu Evangelho, não pode se amoldar a dogmas e a sectarismos contrários a essa finalidade.

Para podermos compreender essa doutrina em seus fundamentos eternos e moralizadores, necessitamos possuir a fé raciocinada que nos faculte encher de amor nossos corações, bem como provar com a retidão de nossos atos, a elevação moral exigida para o nosso progresso espiritual.

Sob o dominio dessa fé conseguiremos estabelecer ligação com o nosso Divino Mestre pelo coração e pelo espírito.

Justificámos, pelo exposto, como causa principal da falência das religiões dogmáticas e sectaristas, na obra de cristianização da Humanidade, a errônea interpretação que deram e continuam a dar a muitos dos ensinos cristãos, o que passamos a demonstrar, nesta obra, nos capítulos nos quais comentamos êsses ensinos com o emprêgo de um método mais elucidativo e perfeitamente consolidado na razão e na lógica.

Alberto Lopes.

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

Escrevendo sôbre o MEMÓRIAS DE UM FRANCISCANO, de Arnaldo S. Tiago, em REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO, dissemos : «Como gostariamos de, um dia, escrever, também, nossas memórias com muitos casos e fatos, com muitas coisas bonitas e feias, nossas e de muita gente com quem temos privado através da vida, que já se nos vai tornando muito longa...»

Em nosso artigo, PERSONALISMO SADIO, O NOSSO? inserto em «Almenara», jornal-revista de Pereira Guedes, respondendo, ainda, ao Arnaldo de São Tiago, dissemos mais : «E que bem nos faz seu livro, naqueles passos destacados por nós! Fez-nos tanto bem, que até despertou em nós o desejo forte e puro de, também, coordenar, um dia, em forma de memórias — MEMÓRIAS DE UM ESPÍRITA BAIANO — muita coisa de nossa vida que, talvez, valha a pena ser conhecida em forma de livro...»

Vamos iniciar AS MEMÓRIAS DE UM ESPÍRITA BAIANO, com o presente relato. Termina-la-emos? Não cremos. É possível que, antes de terminá-las, venha a morte libertar-nos. Nesse caso, é possível que haja quem—entre muitos confrades e amigos que nos sugeriram, mais de uma vez, essas memórias, — as termine, prestando, assim, êste serviço— se valer a pena — ao desencarnado memoralista...

Adotamos o hábito de anotar, diariamente, os acontecimentos marcantes de nossa vida. Reportar-nos-emos a essas notas, sempre que a memória— e a memória dos velhos falha tanto! —não nos ajudar, não se lembrar, com precisão, dos fatos, das coisas, dos homens, das instituições que forem memoriadas.

Os memoralistas são, via de regra, muito generosos consigo mesmos, com as suas fraquezas, exagerando, entretanto, as fraquezas alheias. Pretendemos não usar de dois pêsos e duas medidas *nestas memórias. Se fugirmos ao* nosce te ipsum, *analisando fatos, homens e instituições, não há de ser para nos apresentarmos o* santinho *que nunca fomos, que nunca pretendemos ser...*

PRIMEIROS CONTACTOS COM ESPÍRITOS — MINHA MENINICE — ADVERSIDADE EM TUDO

1 — Foi em Esplanada, no interior da Bahia, a que haviamos chegado de uma viagem trágica-estafante, de Jatobá de Itacaratú, hoje Patrolandia, margem de S. Francisco, Estado de Pernambuco. Eu devia ter cinco anos, quando, uma noite, fui com minha mãe a uma sessão

espírita. Compareceram muitos curiosos e convidados como nós mesmos. Minha mãe recebeu uma significativa mensagem, em letra e linguagem que eram conhecidas dela, assinada por Emilio. Tio Emilio, um irmão de meu pai, morto há muito tempo. A velha Dadá, que havia auxiliado nossa criação, disse, emocionada e lentamente: «Adeus, Milú!» Risos. Sopra, forte e súbito, o vento. Apagou-se o *candieiro de gaz*. Kerosene era conhecido assim. Um gato entrou na sala a miar desesperadamente. Balburdia! Minha mãe parece que se apavorou tanto, que nunca mais quís nada com espíritos, com sessão espìrita. E dizia até intrigada com os fenômenos espíritas: «Por mais que goste de uma pessoa, morreu acabou, que não me apareça, de forma alguma. Deus me livre de quem morreu, de Espírito...

* * *

2 — Depois, em Salvador, na Ladeira do Unhão.

Fomos aí, — eu, minha mãe, a preta Dadá, a tia Odilia, uma rapariga, a Erondina e meus dois irmãos — abrigados de favor na casa de uma pessoa amiga, a Demétria. Seu marido, o Cabo Amaro, muito prosa, tocador de violão e cantador sem voz de modinhas, gostava de contar histórias de almas do outro mundo. Minha mãe entrava na conversa para repetir o caso de Esplanada e para dizer, invariavelmente: «Comigo, morreu, morreu! Nada de conversa com espírito, nada de assombração comigo. Por isso, óro todas as noites, pelas almas penadas do purgatório».

— Pois, olhe, d. Marotinha: passou, agora mesmo, uma alma ali, no corredor, dizendo que deseja falar pela senhora, que deseja escrever por sua mão — dizia, de brincadeira, o cabo Amaro, a sorrir-se.

Os tempos que aí ficamos, fomos todos trabalhar na fábrica Meuron, de cigarros. Eu aparava, à tesourinha, as pontas, dos cigarros. Chegava em casa, à tardinha, meio tonto por influência do fumo...

3 — Depois, em Plataforma, na Rua do Tanque, numa casinha pequenina, sem fundos e sem instalação sanitária, para onde nos passamos, por sugestão da Demétria, afim de trabalharmos na fábrica de tecidos e de calçados. Eu, o mais moço dos três filhos, mal sabendo as letras do alfabeto, na escola. Uma escola diferente: das oito ás quatro da tarde, a dois mil réis por mês, pagos a quinhenhos réis por semana. Apareceu aí, um dia, uns homens, perguntando se queriamos que êles fizessem uma sessão espírita, afim de saber-se o que era feito de meu pai, que andava pelo Amazonas, a que fôra, aventureiramente, à caça de fortuna. Só por isso, minha mãe consentiu na sessão, contanto que ela não recebesse espírito, nem escrevesse mais em nome de espíritos. Um médium recebeu o espírito de meu pai, perturbado e chorando muito. Contou sua história: voltava para casa, para o seio da família, trazendo uma fortuna, de quinze contos de réis. Fôra surpreendido por malfeitores, que o roubaram e mataram a facadas. O diretor da sessão, um tal de Eduardo Carijó, confortou e doutrinou o espírito de meu pai. Minha mãe ficou muito triste, e só não se cobriu, e nós também, de luto, porque não havia dinheiro para comprar pano preto. Anos depois, em 1907, chegava meu pai do Amazonas, trazendo alguma economia e dizendo que nada daquilo acontecera com êle...

* * *

4 — Eu fui o único membro da família que nutria certos pendores religiosos. Fui ao catecismo na Igreja de S. Braz, expontaneamente. Meus irmãos, que nunca ligaram a religião e a sentimento religioso nenhum, troçavam, a miude, do padre, Frei Casimiro, só para pirraçar-me, só para me verem indignado e agressivo.

Fiz minha primeira comunhão a 8 de Dezembro de 1904. Ainda conservo um santinho, a *Ceia do Senhor*, com a dedicatória e assinatura do frei, que me recorda êsse tempo. A Igreja de S. Braz ficava, como, de resto, todas as igrejas, isolada e num altinho. Quasi que não compareci, por falta de roupa adequada, à comunhão. E estava triste, por não poder assistir e tomar minha hóstia. Minha mãe, na verdade uma santa, se santas podem existir na Terra, tomou de tão pobrezinhos que eramos, uma roupinha de marinheiro, muito em moda na época, emprestada à senhora do dr. Lopes; roupinha de seu filho, pa-

ra eu usar na comunhão. Lá me fui eu, todo lampeiro. levando um laço azul no braço esquerdo. Frei Casemiro, depois da hóstia, predicou: se não fosse a certeza que êle tinha de que o coração de nossos pais, principalmente de nossas mamães, ficaria sangrando de saudade, êle desejaria que todos nós morressemos alì mesmo, aquela hora, tal era a certeza de que todos os comungantes iriam para o Céu. De mim, pouco se me daria que o coração de minha mãe sangrasse de saudade. Só pensei em mim, na minha salvação! E desejei, sinceramente, morrer alì, aquela horinha, para ganhar o céu...

De saída, uma vaca malhada pastava lá em baixo. Um pedaço de pau aos meus pés foi uma tentação. Apanhá-lo e atira-lo na vaca, foi obra de um segundo. A preta velha Dadá, que me levára à Igreja, que me queria muito bem, que se babara de alegria e emoção ao ver seu menino merecer o Céu, não se conteve que não me dissesse: «*Apois você, meu fio, que acabou de ganhar o Céu, porque recebeu Nosso Senhor Jesus Cristo de joeio, fazê uma mardade dessas com o bicho!? Que fez este bicho a você? Isto é lá coisa de quem ganhô o Céu!?*»

Respondí imediatamente, a sorrir-me:

—Não tem importância! No outro mês, eu torno a confessar-me, torno a comungar e voltarei a merecer o Céu, novamente...

* * *

5 — Passamos a residir na Rua dos Artistas. Perto de nós, uma família de operários como nós, que passava mais privações do que nós. Um dos rapazes, o Joãozinho, até me ensinou música e me incorporou á filarmônica S. Braz e, depois, à *Lira de Apolo*, em Itapagipe. Uma das moças, a Donana, passou a ver espíritos. Via-os na fábrica. no meio dos teares, a caminho da fábrica e de casa, na própria casa. O espìrito que via, era o de uma vizinha e amiga da família, que morrera em Alagoinhas, onde se conheceram. Morta, insistia com os Cerqueira Campos para mandarem buscar a filha, a Genésia, que deixara naquela cidade. Só teria calma e só os deixava livres de sua influência, se fizessem isso... Chamou-se o sr. Marques Porto, o único espírita conhecido em Plataforma, que residia no bairro de S. João. Foi o sr. Marques Porto quem arrancou esta declaração do Espírito, por intermédio da própria Donana. Pois, com a satisfação de sua vontade, tudo se acabou. E os Cerqueira Campos ficaram ainda mais católicos, ainda mais agarrados à Igreja...

* * *

6 — Desejei ser frade franciscano, como Frei Casemiro. Quís começar por ser sacristão. Cheguei a nutrir certa inveja, certo ciúme do Mateus, o *coroinha* da igreja. E como o admirava, invejando-o, quando o via a engrolar seu latinório, ajudando a missa. A essa altura, minha mãe, que havia escrito ao meu pai, em Labroa, no Amazonas, sôbre minha vontade de entrar para o convento, recebera dele uma carta de autorização. Levei a carta a Frei Casemiro, antegozando o prazer de, um dia, poder salvar muita gente, ensinar catecismo a muita criança, fazer muito casamento, batizado, vestindo um burel tão importante! O frade leu a carta de meu pai e disse-me: «Meu filho, nossa ordem faz voto de pobreza, e vive como pobre. Mas, é preciso que se faça um grande donativo para entrar nela, o que você não poderá fazer. Além do mais, só estrangeiros e brancos podem ser frades. Ora, você é brasileiro e mulato... Sinto muito, porque gosto muito de você, creia, mas...»

* * *

7 — Passei a aprender o ofício de sapateiro com um vizinho, o Uriel, que morava parede e meia comigo na Rua Industrial. Uriel lia a Biblia até no serviço. Arrastou-me, também, à leitura da Biblia. Trazia parábolas, versículos e episódios biblicos de cór, cuja memoração me entusiasmava. Eu gostava de ouvir sua cultura biblica. Aprendi com êle o gosto pela leitura da Biblia. Li-a toda, compreendendo alguma coisa e sem compreender muito mais coisa ainda. Quando cheguei ao Decálogo (Êxodo XX) havia perdido a fé na Igreja, nos padres. E quando terminei a leitura do *Velho Testamento*, havia perdido a fé em Deus. Um Deus que se arrependia de coisas erradas que fizera; um Deus rancoroso e vingativo que, Criador e Pai de todos, atirava irmãos contra irmãos; um Deus que permitia o roubo e a prostituição,

repugnou à minha consciência de menino quasi analfabeto.

* * *

8 — Minha primeira escola foi em Petrolândia, Pernambuco. Ia a ela de brincadeira. Vestido de camisolão barato, parecendo um menino fantasma. E levava os livros de meus dois irmãos maiores, João e José, a quem eu chamava *Inhão* e *Zebe*. Os outros garotos me chamavam de *mulherzinha*. Eu me zangava e chorava. Mas, não desistia de voltar à escola...

* * *

9 — A segunda escola em que estive, era a do prof. *Ziano*, Vespasiano Ramos da Conceição. Seu filho, o Alvaro, ruivo, debochado e ruim, substituia o pai na sua ausência. Um dia, os outros meninos me foram chamar, escandalizados, para *eu ver*. E vi, efetivamente cenas desagradáveis. Aquilo me enjuou tanto que, em vez de permanecer no deboche, apanhei meus livros e corri para casa. E contei tudo a minha mãe. E não voltei mais à escola...

* * *

10 — Fui aprender com o Aureliano, o irmão mais velho dos Cerqueira Campos, que era alfaiate. Os irmãos e irmãs dêle trabalhavam na fábrica. Êle, de alfaiate, pouco ou nada produzindo. Diariamente ia vê-lo uma rapariga, a Cecilia. Sentava-se perto do Aureliano a conversar pornografia, na ausência da velha mãe e das irmãs. Aquilo não me agradou. Queixei-me, indignado, a minha mãe e falei à mãe do Aureliano. Tangeram de lá a Cecilia, que eu fôra, depois, já moço, encontrar, prostituida, no bairro da Sé, em Salvador...

* * *

11 — Não fui mais à escola nenhuma. Fui para a fábrica, seção de fiação, trabalhar com *meia banda de tabocas*. Os operários diligentes trabalhavam com uma fiadeira completa, nas suas duas bandas. Os incipientes, numa banda, ou meia. Eu era deficientissimo. Daí, a meia banda, que me dava, apenas, seis mil réis e poucos por mês. Um dia, botei, só por curiosidade, uma taboca entre o braço móvel de enrolar a linha na taboca e a trave de baixo. Quebrou-se o braço com estardalhaço, e parou, danificada, a máquina. Veio *seu* Hipólito, maneta, sub-chefe da seção, que até tocava pratos na filarmônica S. Braz, e censurou-me asperamente. Zanguei-me, embora a razão estivesse com êle, e deixei esta seção; fui aprender na seção de calçados. Meu mestre aí era um tal de Conceicão, que tocava contra-baixo na S. Braz. Muito pornográfico. E aquilo—eu, que, desde pequenino, nunca vivi bem em tais ambientes e com tais indivíduos,—me desgostou muito. Passei, a aprender com outro, o Fausto — mais moço, mais forte, mais moralizado. Mentia e gabava-se muito. Mas, teve tal influência sôbre mim que até o acompanhei para trabalhar em Itapagipe; que até o obedecia fóra do serviço...

* * *

12 — Foi nessa fase que meu pai voltara do Amazonas. Trouxe algum dinheiro e botou uma tulha que vendia farinha, feijão, fumo, camarão sêco, rapadura e outros produtos semelhantes. Deu-me a direção da tulha e ordem para eu vender fiado a tais e quais pessoas. Foi depois, em vilegiatura, à Esplanada, a estação de Pedra, com minha mãe. Tive que responder-lhe uma carta. Aliás, horrivelmente escrita. De volta me disse: «Meu filho, você é, ainda, analfabeto. Vou arranjar uma escola boa para você...»

* * *

13 — O vizinho, sr. Samuel, protestante, que falava cuspinhando a cara da gente; falava tanto que, quando tossia, para não passar a palavra ao interlocutor, punha até a mão à boca do outro; o sr. Samuel ficou de arranjar a escola de um grande amigo seu, que fôra professor de seu filho, aliás um menino admirável de conduta e de inteligência. Êsse sr. Samuel, um dia, chegou à tulha, escandalizado, e disse ao meu pai: «Tenho uma novidade para o senhor: fui, ontem, à uma reunião espírita, na casa de um amigo, em Itapagipe. Mas, não diga nada a ninguém». Foi assim que eu ouvi, pela primeira vez, falar-se em espiritismo...

O Perispírito — Trad. de MANUEL CAVACO

De «Revista de Metapsicologia», de Lisboa — Portugal.

OS filósofos de todos os tempos reconheceram que uma alma sem corpo não poderia existir. Sendo o ser pensante uma emanação da Divindade, é de toda necessidade que êle se isole numa forma corpória para se constituir uma personalidade, fóra da qual não teria podido tomar conhecimento de si mesmo. Baseados neste modo de pensar, justificam os materialistas a sua incredulidade, e dizem: os mortos, não sendo mais que um montão de substância inorgânica, não podem sobreviver.

Êste raciocínio cai por si próprio, se podemos efetuar a prova dum corpo invisível, independente dum corpo visível. Esta prova está feita, mas é dificil fazê-la constatar por aqueles que se dicidem a não estudar um fato da qual negam a possibilidade.

Desde o momento que a ação do homem se estende para fòra do seu corpo visível, é porque a alma se afirma por ações que necessitam um condutor material. Êste condutor plástico é o perispírito que trespassa mais ou menos o nosso organismo. E' preciso admitir que a vida é uma fôrça, e que a manifestação vital é um movimento. A fôrça sentímo-la em nós, a noção dela é inseparável do ser vivo, e para explicar a relação entre a matéria e o espírito temos necessidade dum princípio intermediário que é o perispírito. O magnetismo animal, tal como foi ensinado por Mesmer, baseia-se nesta concepção.

O grande enigma da vida terrestre mantem-se inteiramente entre êstes dois problemas: da fôrça e do movimento. Antes da aparição da vida sôbre o planeta havia a fôrça que produziu a vida; antes da constituição do órgão mais ínfimo, havia a idéia elementar que constituiu êsse órgão.

Tudo que vive constitue o nosso mundo visível; tudo que tem uma realidade objetiva, os organismos vivos como os planetas, são materializações. O processo evolutivo de qualquer órgão é uma materialização lenta, movimento que só pode produzir-se sob impulso duma força edeoplástica emanada de todo o indivíduo com poder de agir. Tudo é alma, disse Vitor Hugo.

Hoje, a existência do corpo espiritual exteriorizável só pode ser negada por aqueles que não têm estudado êste assunto. O corpo de carne não poderia viver sem êste intermediário que o liga à fôrça universal.

E' tão grande a importância do corpo psíquico, e tão grande o interêsse que êle nos apresenta, que da sua realidade depende a sua vida ou a morte dum neo-espiritualismo no qual se vai retemperar a consciência dos homens, a vida ou a morte dum materialismo pelo qual a humanidade corre o risco de sossobrar.

As experiências de Crookes são clássicas e difinitivas; a ação do corpo humano exercida para além dos seus órgãos visiveis, ou por outra, a ação à distância, prova a existência dum agente invisível, dum intermediário fluídico que constitue o laço necessário entre o pensamento e a matéria. Não só existe êste agente; mas êle é também exteriorizável, e, longe do corpo, tem-se podido verificar as suas propriedades dinâmicas e sensíveis.

E' baseados na experiência, e no testemunho da ciência independente, que nós afirmamos: que temos um corpo invisivel; que êste corpo é um agente dinâmico; que é um condutor por meio do qual se transmite a idéia do movimento, o que explica a relação entre o espírito e a matéria, entre a obra e o obreiro.

Êle é o veículo da fôrça que se manifesta no ser vivo; é o suporte das formas que se materializam; êle zomba da morte e preside aos nascimentos: êle explica a evolução por um perpétuo renovamento dos seres e a continuidade do elemento psíquico que se afirma por um progresso constante; tal é o princípio das reincarnações. A evolução é um fato que se constata e que prova a continuidade da fôrça que a impulsiona. Dizer que o Espiristismo ainda não fez prova é uma diversão fácil; o que é preciso não esquecer, é que a concepção espírita nos deu, da evolução, uma explicação racional e convincente, o que nenhuma outra ciência pode fazer.

Crônica Estrangeira

A Realeza e o Espiritismo

Dois avisos de morte de Eduardo VII

Por Fred Archer — De «Estudos Psíquicos»

A rainha Vitória realizava sessões com um médium que teve muitos anos ao seu serviço, como já disse há pouco.

A rainha Alexandra, esposa de Eduardo VII, sucessor da rainha Vitória, não só fazia sessões, mas também era médium.

A maior parte dos castelos reais eram escolhidos para êstes trabalhos e assim se justifica que a rainha Alexandra fosse a primeira a sentir-se atraída pelo Espiritismo, no Castelo de Windsor, onde realizou uma experiência, na qual viu um espírito de mulher de grande estatura, de pé, com um manto negro e vestido branco, mesmo à entrada do seu toucador.

Mais tarde, confessou a certa amiga que ouvia música e canto durante a noite. Claro que estas experiências deixam entrever nela faculdades de clarividência e clariaudiência.

Uma vez foi visitada em Windsor por um médium de Londres que lhe fez duas profecias dramáticas, cuja confirmação obteve depois. A sessão realizou-se numa antecâmara e assistiram 12 pessoas, inclusive a rainha. Após algumas mensagens dignas de nota, surgiu uma altamente dramática, que predizia não só a morte próxima de Eduardo VII, na casa onde nascera, como a Grande Guerra, que assolaria o mundo alguns anos mais tarde.

No ano seguinte, a rainha Alexandra partia para a Grécia, afim de passar as férias na ilha de Corfu, e daí a pouco recebia a notícia da doença do marido e regressava imediatamente a Londres, apesar dos médicos afirmarem que se tratava de simples indisposição. Quando entrou no Palácio de Buckingham (onde Eduardo nascera), só teve tempo de se despedir dêle.

Mais tarde eclodiu a Grande Guerra, confirmando plenamente a segunda profecia recebida pela rainha Alexandra.

*

Antes da sua morte, Eduardo recebeu um aviso de médium não profissional. Êste fato, absolutamente estranho, foi narrado pela Condessa de Fingall.

Uma noite de Janeiro de 1910 estava ela a jantar sentada junto do rei, quando êste disse que lhe desejava falar confidencialmente. Após a refeição conduziu-a a um canto tranquilo do salão e exclamou com grande solenidade:

— *Lady* Fingall, a sua amiga Jamesson entristeceu-me profundamente.

A senhora aludida, irmã do conde de Haig, era médium que muitas vezes recebia mensagens de seu irmão George Haig.

— Ela bem sabe quanto eu queria à minha irmã Alice — continuou Eduardo. — Pois acaba de me escrever, dando-me a seguinte mensagem de Alice, transmitida pelo espírito de George: O TEMPO É CURTO, DEVES PREPARAR-TE!

— Oh, Magestade! — exclamou *Lady* Fingall, compreendendo o alcance destas palavras. — Se Jamesson escreveu isso, é porque julgou cumprir um dever. Mas ela deu-vos alguma prova de que a mensagem fosse de vossa irmã Alice?

— Deu, sim. Diz que me devo lembrar do dia em que estivemos em Ben Nevis e colhemos urze branca.

Eduardo VII, que morreu 4 mêses e meio depois, sabia que a senhora Jamesson não podia ter conhecimento dêste pormenor.

Por coincidência, oportunidade ou desígnio e à semelhança de sua mãe, Eduardo VII voltou através da médium Etta Wriedt, que recebeu o relógio oferecido pela rainha Vitória e que servira igualmente para a comunicação da soberana.

*

A condessa de Warwick, velha amiga de Eduardo, ouviu a voz dêste na presença da médium Etta Wriedt.

Lady Warwick era mulher de grande beleza no tempo de Eduardo VII e tornou-se célebre. Chamavam-lhe a «condessa socialista», por se ter convertido ao socialismo, graças ao grande propagandista Robert Blatchford que, num baile de máscaras, a acusou de esbanja-

dora, quando havia milhares de pessoas que não tinham que comer. A sua conversão principiou numa longa conversa que se seguiu no escritório dêste último.

Nêsse momento, nem um nem outro suspeitavam que se tornariam espíritas.

Pela primeira vez, a condessa foi inquietada por fenômenos produzidos no castelo de Warwick: luzes que se acendiam de noite e passos no castelo.

Apesar dos tapetes espessos colocados nos quartos e corredores, o ruído de passos continuou e os serviçais ficaram aterrorizados, chegando um dêles a sentir pacandas nas costas, quando subia a escada.

Lady Warwick pediu então a Etta Wriedt que fosse depressa ao castelo, na esperança de receber alguma mensagem que pusesse termo a ruídos tão enfadonhos.

Quando Etta Wriedt chegou, a condessa esperou-a ao fundo da escada do seu quarto de dormir e organizou uma sessão de trombeta (voz direta) e logo ouviu a voz do seu velho amigo Eduardo. O rei falava em alemão; e quando o fenômeno se produziu, ainda a médium não estava no quarto.

A mediunidade de Etta Wriedt exercia-se claramente, sem necessidade de cair em transe. A's vezes, realizava sessões, enquanto fazia malhas.

A condessa de Warwick recebia sempre mensagens em alemão de Eduardo VII.

Êste comunicava-se também com a rainha Alexandra, através do médium John Sloan, de Glasgow, não menos famoso que Etta Wriedt. A demonstração de suas notáveis faculdades está nos livros bem conhecidos de Artur Findlay: «No Limiar do Etéreo» e «Onde os Dois Mundos se Encontram».

*

Um sócio diretor da *Sociedade de Investigações Psíquicas*, Everard Fielding, escreveu a Artur Findlay, dizendo-lhe que um amigo seu iria a Glasgow e queria assistir a uma sessão com Sloan.

Findlay concordou e preparou a sessão. E quando o estranho chegou acompanhou-o a casa de Sloan. Nem êle, nem o médium, nem os assistentes conheciam o homem e muito menos a sua profissão.

Pois, durante os trabalhos, uma voz falou ao visitante, chamando-lhe pelo nome e declinou, por sua vez, a identidade. O estranho reconheceu no Espírito a voz do falecido rei Eduardo VII.

Depois, muitos nomes foram mencionados e uma conversa se estabeleceu entre os dois seres, como se se tratasse de viventes terrenos. Antes de partir, a voz exclamou:

— Agradeço a vossa bondade para com minha mulher, a rainha Alexandra. Não sei o que ela faria sem vós, que lhe evitastes muitos dissabores.

Quando lhe perguntaram se estava satisfeito com a sessão, o visitante respondeu:

— Absolutamente.

Findlay perguntou-lhe também qual a sua posição perante a rainha Alexandra.

— Sou o mordomo da sua casa — disse êle.

Nenhum dos assistentes conhecia êste pormenor, nem os outros fornecidos pelo médium.

Quando chegou a Londres e contou à rainha Alexandra o que se tinha passado, esta mostrou desejos de falar ao marido e combinaram uma sessão com o médium Sloan.

Esta reunião caracteriza um dos mais impressionantes grupos jamais constituidos para falar com os mortos.

A rainha Alexandra, Marconi, *Sir* Thomas Lipton e os três mais notáveis espíritas dêsse tempo (*Sir* William Crookes, *Sir* William Barret e *Sir* Artur Conan Doyle) estavam presentes, quando vozes do outro mundo se fizeram ouvir através do médium John Sloan.

(Traduzido do *Psychic News*, de 30-5-953, por I. D. S.)

*

Relógio reparado por Espírito

«Two Worlds» — (17/7/54)

A doutora Dorothy Deighton, que confessa ser médica de «cabeça dura», teve na semana passada uma surprêsa que foi o resultado de uma sessão mediúnica. Relaciona-se a um velho relógio que, durante um século pertenceu à familia de sua mãe.

Ela e seu marido, também médico, passaram muitos anos no Brasil.

Em 1930 o relógio se tornou propriedade da doutora, mas, durante «um horror de anos»—(expressão dela), o relógio se recusou a trabalhar.

Sempre esteve colocado no vestiário do marido. Este éra perito em conserto de relógios, mas sua perícia não conseguia fazê-lo funcionar.

Quando morreu a mãe

Na noite em que morreu a mãe da doutora, em 1935, o marido chamou-a com voz excitada ; «Escuta, Dorothy ! O relógio de tua mãe está trabalhando». Lá estava êle, fazendo ouvir seu alegre tique-taque, não obstante não ter sido tocado por mãos terrenas.

Assim continuou a trabalhar como qualquer relógio, e assim veiu à Inglaterra quando aqui fixou residência, há bem anos.

Certo dia, ela observou que o relógio estava adiantado cinco minutos. A doutora fez o que não deveria ter feito —recuou o ponteiro dos minutos.

O relógio estacou. Baldados foram todos os esfôrços para fazê-lo trabalhar. Levaram-no ao relojoeiro que, examinando-o, disse : o relógio precisa de limpeza geral o que não acontece há muito tempo, grande será o trabalho e o prêço 4 libras, no mínimo.

«Não me interessa», foi a resposta da Dra. Deighton.

Novamente o Tique-Taque

Uma semana depois esteve ela presente a uma sessão com a médium Helen Hughes. Apresentou-se seu guia espiritual, Granny Anderson, que estava transmitindo uma mensagem provinda do próprio marido. Por mero gracejo, disse a doutora, «Peça-lhe que conserte o meu relógio». O espírito guia prontificou-se a transmitir o pedido. A Dra. riu-se e não mais pensou no caso.

Dois dias depois ela desceu a um compartimento do porão onde colocara o relógio inútil e «quasi caiu de costas» —suas próprias palavras. Lá estava o velho relógio outra vez com seu tique-taque alegre.

Porém, e isto era o fato mais surpreendente, o relógio marcava exatamente doze horas e cinco minutos !

Ainda hoje está trabalhando. Assim, o poder espiritual não só pôs o relógio a funcionar, mas também regulou o mecanismo com o fim de colocar os ponteiros na posição exata.

⁂

Assistindo ao despreendimento da própria irmã

Mrs. Florence Marryat, em seu livro : «The Spirit World» relata êste episódio :

«Entre minhas melhores amigas conto uma jovem senhora pertencente à alta aristocracia e que é dotada de faculdades mediúnicas maravilhosas, se bem que a cousa só é sabida por raros íntimos, devido aos preconceitos habituais...

Há um ano, teve ela o desgosto de perder sua irmã mais velha, de 20 anos, atingida de pleurisia. Edith (a jóvem médium) nem por um só instante quís deixar a cabeceira da irmã, e encontrando-se em estado de clarividência, assistiu ao processo de separação entre espírito e corpo. Contou-me ela que em seus últimos dias de vida terrestre, a pobre enfêrma tornara-se turbulenta, sobrexcitada, delirante, e que sem cessar se voltava em seu leito proferindo palavras e frases incoerentes. Foi então que Edith começou a distinguir uma sorte de nebulosidade sútil, como ligeira fumaça, que se acumulava sôbre sua cabeça, e difundindo-se pouco a pouco e condensando-se, havia assumido as proporções, forma e aspecto da irmã agonizante, de modo a se lhe assemelhar em todos os pontos de vista, excetuando a falta de coloração. Essa forma flutuva no ar, rosto voltado para baixo, a poucos pés acima do corpo.

A' medida que o dia declinava, foi se acalmando a inquietitude da moribunda, dando lugar, pelo crepúsculo, a profundo esgotamento que anunciava a agonia. Tremula, Edith fixava a irmã. Seu rosto tornou-se lívido, seus olhos se empanavam, mas, acima, a forma fluídica se purporeava e gradualmente parecia animar-se com toda a vitalidade que se escapava do corpo. Um momento mais e a moribunda jazia inerte e sem consciência sôbre o leito, porém a forma que flutuava acima dela transformara-se em espírito vivente. Ainda os cordões de

luz, semelhantes a fluorescências elétricas, continuavam ligados ao coração, cérebro e demais órgãos vitais. Chegou o momento supremo : o espírito oscilou algum tempo de um pàra outro lado para ir, em seguida, colocar-se em posição estendida ao lado do corpo inanimado. Aparentemente, o espírito estava muito débil, apenas capaz de se estirar, era, porém, a duplicata viva do corpo.

Enquanto Edith contemplava essa cena extraordinária, eis que surgem duas formas luminosas, nas quais ela reconheceu seu próprio pai e sua avó, ambos falecidos na mesma casa. Os dois se aproximaram do espírito liberto, afetuosamente o ampararam, estreitaram-no em seus braços, ao mesmo tempo que a cabeça descansou em estado de abandono sôbre o ombro do pai. Assim permaneceram por algum tempo, até que o espírito recuperou alento. Então ambos romperam os cordões luminosos que sempre o retinham ao corpo e, sempre com a forma em seus braços, dirigiram-se à janela, elevaram-se e desapareceram».

ESPIRITISMO NO BRASIL

Escolhidos os temas para as teses da VIII Concentração

Esteve mais uma vez reunido o Conselho Diretor da VIII Concentração de Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo, desta vez em Araraquara a 5 de Dezembro. O principal objetivo dêsse encontro dos diretores da *Oitava* era a escolha de três temas, dentre os 54 assuntos sugeridos por 16 Mocidades, para constituirem as teses a serem defendidas no conclave.

Procedeu o C. D. a criterioso exame do material em mãos, tendo em vista, principalmente, a objetividade e o caráter prático das sugestões feitas e, com base nessas condições, selecionou os assuntos por eliminação dos que menos as satisfaziam, até extrair os três que lhe pareceram mais apropriados à consideração dos moços, na atual quadra da vida das Mocidades e do movimento espírita.

Temas escolhidos : 1.º («O programa das Mocidades Espíritas em função do movimento unificador».

2.º) «O trabalho do moço espírita na educação cristã da infância».

3.º) «O papel do Espiritismo na emancipação da Humanidade—Origem da Doutrina e sua atuação no presente momento histórico».

As teses poderão ser feitas individualmente pelos moços ou, coletivamente, pela Mocidade, sendo permitido que um único concorrente desenvolva os três temas.

Prazo para remessa —As teses deverão ser remetidas ao Conselho Diretor até o dia 15 de Fevereiro de 1955, para o seguinte endereço: ALCIDES SARMENTO — Rua Dr. Almeida, 359 – Jundiaí—S. P.

Comissões Julgadoras — Para julgar as teses foram indicadas três comissões julgadoras, como segue: 1.º tema Dr. Luiz Monteiro de Barros, Dr. Paulo Machado e Srta. Nair de Moura (todos da Capital); 2.º tema — Dr. Thomaz Novelino, Dr. Agnelo Morato e Sr. Olavo Rodrigues (todos de Franca); 3.º tema—Dr. José Justino Castilho, Dr. Ary Lex e Sr. Hernani T. Sant'Ana (todos da Capital).

Regulamento sôbre as teses : Chamamos a atenção dos interessados para o que reza a letra b, 1.º §, do artigo 10.º do Regulamento da Concentração: «As teses devem conter, no mínimo, 2 folhas de papel almasso escritas à máquina, em dois espaços, e no mínimo 4 folhas».

As teses que não satisfizerem a essas condições, não serão tomadas em consideração.

Telepatias e Aparições

Transcrevemos nesta edição o que segue, extraído de «Unificação».

Êste relato assume para nós invulgar importância pelo fato de ter sido publicado por eminente filólogo patrício, que não quer ser acoimado de espírita.

O Prof. Silveira Bueno, conhecido Educador paulista, publicou na «Folha da Manhã», de 30 de Maio do ano passado, um curioso artigo sôbre «Telepatias e A-

parições», do qual damos o extrato abaixo:

«O naufrágio do «Syrius», nas costas da Espanha, projetava a sua tristeza sôbre S. Paulo: nêle havia perecido o bispo desta cidade, dom José de Camargo Barros, quando regressava ao Brasil de sua viagem a Roma. Monsenhor Francisco de Paula Rodrigues, conhecido simplesmente por «padre Chico», era quem governava a diocese paulista. Grandes empreendimentos tinham sido iniciados pelo bispo falecido no mar e com urgência se necessitava de um determinado documento de extraordinária importância, naqueles dias. O advogado da Cúria, Moisés Coelho, homem de côr e famoso no forum de S. Paulo, inutilmente havia esquadrinhado todo o arquívo da diocese, sem que fôsse possível encontrar o instrumento comprovante da posse do imóvel em litígio. Os prazos legais estavam esgotados e sómente por uma deferência do juiz tinha sido dada nova prorrogação, na esperança de que ainda se viesse a achar papel de tamanha importância. Padre Chico, que residia no convento da Luz, como capelão, subia, naquela tarde, toda a rua Florêncio de Abreu, rumo à Cúria, então na rua do Carmo, onde hoje se encontra a «Companhia de Gás». Como era do seu costume, viajava sempre de tíburi e, ao aproximar-se da igreja de S. Bento, absorto que vinha no caso judicial, prestes a vencer-se, foi despertado do seu letargo pelo cocheiro que lhe mostrava, na calçada da igreja, um padre. Ali estava aquêle sacerdote que fazia sinais ao cocheiro para que parasse o tíburi. Naturalmente, necessitava de falar ao padre Chico. Êste, dada a sua simplicidade, esquecido de que era monsenhor e governador da diocese, em lugar de chamar até o carro ao padre desconhecido, desceu e foi ter com êle, a ver o que desejava.

— Padre Chico, foi dizendo o desconhecido familiarmente, vence-se amanhã o prazo fatal e ainda não encontrou o documento comprovante da posse do imóvel?

— Ainda não. Por mais que se tenha procurado, parece-me que se perdeu êsse papel ou que o sr. bispo o guardou tão bem que não nos foi possível encontrá-lo.

— Mas já o procuraram nos guardados do sr. bispo?

— Já. Nenhuma gaveta ficou sem ser examinada e nada se achou.

— Pois, olhe, padre Chico, vá ao quarto de dormir do sr. bispo; tire a segunda gaveta da cômoda, mas tire-a completamente: o documento está caído atrás dessa gaveta.

Só nêsse momento foi que mons. Chico de Paula reconheceu, no padre desconhecido, s. excia. dom José de Camargo Barros, o bispo falecido nas costas da Espanha.

Nêsse instante, o cocheiro teve um estremeção: padre Chico, sempre tão calmo e meigo, parecia transfigurado: uma palidez de morte se lhe estampava no rosto e o corpo todo vibrava em extrema nervosidade.

— Toque, toque imediatamente para a residência do sr. Bispo!

Cumprindo ordens o tibureiro acionou o velho chicote e dentro de poucos minutos chegavam ao ponto desejado. Mons. Paula Rodrigues entrou rápidamente no edifício e, reunindo os íntimos, contou-lhes a visão que tivera, o encontro com dom José de Camargo Barros. Ninguém ousava negar, mas pairava em todos grande dúvida:

— Querem a prova? Vamos procurar o documento. Se o encontrarmos atrás da segunda gaveta, ficará provada a veracidade do fato.

Nervosos, vão à cômoda indicada; tiram as gavetas e, como havia sido indicado pelo sr. Bispo, lá estava nas mãos trêmulas do Governador da diocese, o procurado documento! A causa foi ganha.

Dada a escassez de espaço vamos resumir o final desta narração feita pelo Prof. Silveira Bueno, diz êle: «Êste fato, que me foi narrado pelo padre Lindolfo Esteves, recebeu direta confirmação por parte do mesmo padre Chico. Nêsse mesmo ano conheci ainda o advogado, preto, Moisés Coelho, advogado da Cúria, e que tinha sido o defensor da causa. Dêle ouvi também, com outros pormenores, o mesmo acontecimento. Telepatia? Visão? Milagre? Não sei explicar nem o soube o grande homem que foi monsenhor Francisco de Paula Rodrigues. Nem me tomem por espírita: a biografia dos santos, as páginas da Bíblia, todas estão cheias destas aparições, destas permissões que Deus concede aos seus filhos para que voltem ao mundo e consertem o que está errado, evitando consequências injustas».

Instituto Espírita de Educação

Do Instituto Espírita de Educação, da Capital, recebemos a seguinte circular:

Estimado Confrade

Paz em Jesus

Graças à boa vontade de um grupo de espíritas idealistas, muitos dos quais não raro têm tirado da modéstia de seus fracos recursos o óbulo da viuva que lhe trazem, o Instituto Espírita de Educação formou nestes poucos anos de sua existência um patrimônio no valor de Cr. $ . . . 791.974,60, parte representado por Cr. $ 664.000,00 em dinheiro.

Com esta quantia e mediante sinal de Cr. $ 600.000,00, conforme escritura de compromisso de compra e venda lavrada em 13 do corrente no Tabelião Armando Sales, o Instituto entrou na posse do excelente prédio n. 140 da rua Guarará, no Jardim Paulista, para onde transferiu sua administração e instalará, no princípio de 1955, um externato ao qual dará o nome de «Hilário Ribeiro», em homenagem ao grande educador, iniciando suas atividades educacionais com a creação de jardim de infância, curso pré-primário e 1.º ano primário.

Realiza-se, assim, o sonho de tantos espíritas que sempre acompanharam com todo o interêsse a evolução do Instituto, vibrando no desejo de vê-lo quanto antes realizado, convencidos de que a ambicionada reforma da Terra não será possível enquanto os Espíritos que a povoam não receberem, com a cultura intelectual que ela comporta, a educação moral fundamentada no Evangelho do Senhor.

O prédio custou Cr. $ 2.600.000,00, isto é, o Instituto ficou com a dívida de Cr. $ 2 000.000,00 a serem pagos em 5 anos com os juros de praxe, que serão, no primeiro ano, de Cr. $ 16.000,00 mensais.

O Instituto assumiu tranquilamente êste pesado encargo porque sente que será amparado por inúmeros espíritas, entre os quais está VOCÊ, querido irmão, que tem cooperado conôsco numa demonstração de que realmente compreende o belo pensamento de Jesus.

Anexo o confrade encontrará uma proposta para conseguir um novo sócio para o Instituto. Se cada sócio propuser mais um ou aumentar, se possível, a sua atual mensalidade, o Instituto terá, pelo menos nêste início, menos dificuldade para solver o compromisso assumido.

Sentimo-nos à vontade para fazer-lhe êste apêlo, porquanto sabemos que o confrade empregará todos os esfôrços ao seu alcance para ajudar mais o Instituto, que agora precisa mais do que nunca da sua valiosa colaboração.

Esperando que nos dê em breve o prazer de receber suas notícias, envolvemo-lo carinhosamente em nosso melhor pensamento e enviamos-lhe nosso fraternal abraço.

Muito obrigado!

Instituto Espírita de Educação

Pedro de Camargo (Vinicius) — Presidente.

Joaquim Santos Junior — Secretário Geral.

A Serviço da Doutrina

O nosso representante-viajante sr. Lourenço Bianchi vai reiniciar a sua excursão de propaganda da Doutrina, devendo visitar nestes próximos dias os confrades residentes na zona da alta Araraquarense.

Solicitamos aos prezados confrades dispensarem boa acolhida a êste velho trabalhador da seara, facilitando-lhe o árduo trabalho de procurar os assinantes afim de normalizar a situação das assinaturas em atraso e angariar novas assinaturas, o que lhes agradecemos sumamente, pedindo a Jesus que a todos conceda paz, saude e progresso espiritual.

ULTIMA HORA

Ao entrar esta página para o prélo, chega-nos uma notícia lacônica do nosso representante na Capital, sr. Vicente S. Neto, na qual nos informa que desincarnou no dia 4 do mês em curso, em Campinas, em virtude de um desastre de ônibus, o nosso estimado amigo Servilio Marrone.

No próximo número daremos notícia pormenorizada sôbre o lamentavel acontecimento.

ÍNDICE

Das matérias contidas no 30.º ano da

Revista Internacional do Espiritismo

(Fevereiro de 1954 a Janeiro de 1955)

N.º 1 — FEVEREIRO DE 1954

		Pag.
Encetando nova jornada	*Redação*	1
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*	2
Os Tabus Científicos	*Carlos Imbassahy*	4
Livros em desfile	*Delfino Ferreira*	9
Napoleão era perseguido por um fantasma	*De «Voz Informativa»*	10
O Espiritismo e as definições particulares	*Deolindo Amorim*	12
E a misericórdia divina se repetiu!	*Leopoldo Machado*	13
Solilóquio	*Manuel Cavaco*	15
A Criança	*Vinicius*	16
História da menina Juliana	*João T. de Paula*	18
Crônica Estrangeira	*Redação*	20
Espiritismo no Brasil	»	32

N.º 2 — MARÇO DE 1954

A' guisa de homenagem	*Redação*	25
O Espiritismo e o princípio de autoridade	*Deolindo Amorim*	26
Allan Kardec, o Educador	*Enéas Dourado*	28
Livros em desfile	*Delfino Ferreira*	32
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*	33
A inteligência animal	*Spártaco Banal*	35
A mais extraordinária vidente do mundo	*De «Fanfula*	36
Personalismo sadio	*Arnaldo S. Tiago*	39
O movimento educacional espírita	*Jaime R. de Lima*	41
Crônica Estrangeira	*Redação*	44
Espiritismo no Brasil	»	46

N.ºs 3 e 4—ABRIL e MAIO DE 1954

Os problemas do espírito	*Redação*	49
Allan Kardec, o Educador	*Enéas Dourado*	50
Um fato positivo de reincarnação do espírito	*Spártaco Banal*	53
Ainda o princípio da autoridade	*Deolindo Amorim*	54
De branca linda e má a preta feia e boa	*Leopoldo Machado*	56
Livros em desfile	*Delfino Ferreira*	58
Aos dogmáticos acorrentados	*Major. Levino C. Wischral*	59
Escatologia	*Mac Maynard*	61
Os Tabus Científicos	*Carlos Imbassahy*	64
Crônica Estrangeira	*Redação*	69
Espiritismo no Brasil	«	72

N.º 5 — JUNHO DE 1954

Frente única	*Redação*	77

O Purgatório	*Mario C. de Melo*	78
O Espiritismo e a definição de Kardec	*Deolindo Amorim*	82
Purificação pela dor	*Major Levino C. Wischral*	83
Pão e Luz	*Vinicius*	86
O pensamento de Allan Kardec aos 85 anos de sua partida	*Natalio Ceccarini*	88
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*	90
Os Canécos Vivos	*Hercilio Maes*	93
Ainda os casos de morte aparente	*Francisco Klörs Werneck*	95
Crônica Estrangeira	*Redação*	96
Espiritismo no Brasil	»	100

N.º 6 — JULHO DE 1954

O Espiritismo e a evolução da humanidade	*Redação*	101
Ainda os casos de morte aparente	*Francisco Klörs Werneck*	102
Espiritismo e Panteismo	*Deolindo Amorim*	104
Vozes diretas em plena luz	*Max Kohleisen*	105
Purgatório	*Mario C. de Melo*	108
Livros em desfile	*Delfino Ferreira*	111
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*	112
Medicamentos para a atualidade	*Major Levino C. Wischral*	114
Idéias e Conceitos	*Arnaldo S. Tiago*	116
Crônica Estrangeira	*Redação*	119
Espiritismo no Brasil	»	121

N.º 7 — AGOSTO DE 1954

A Fôrça da Verdade	*Redação*	125
Espiritismo e Panteismo	*Deolindo Amorim*	126
Vozes Diretas em plena luz	*Max Kohleisen*	128
Livros em desfile	*Delfino Ferreira*	131
Idéias e Conceitos	*Arnaldo S. Thiago*	132
Solilóquio	*Manuel Cavaco*	134
Milagre ? Não. Terapêutica Espirítica	*Leopoldo Machado*	135
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*	136
No Espiritismo como na Medicina Militão Pacheco foi um exemplo	*Irmão Saulo*	139
Rosacrucismo	*Francisco Klörs Werneck*	140
Crônica Estrangeira	*Redação*	144
Espiritismo no Brasil	»	145
Necrologia	»	147

N.º 8 — SETEMBRO DE 1954

Comemorando uma data	*Redação*	149
Pietro Ubaldi e sua fecundidade mental	*Arnaldo S. Thiago*	150
Caodaismo	*Francisco Klörs Werneck*	153
A Palavra de Deus	*Gilson M. Henriques*	155
Memória Ancestral	*Deolindo Amorim*	156
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*	158
Isto disse Jesus	*Delfino Ferreira*	162
O Fenômeno do «Apport»	*Max Kohleisen*	164
Mensagem aos Jovens Espíritas da Argentina	*Leopoldo Machado*	165
Crônica Estrangeira	*Redação*	167
Espiritismo no Brasil	»	170

N.º 9 — OUTUBRO DE 1954

		Pag.
3 de Outubro	*Redação*	173
Padre Espírita	*Major Levino C. Wischral*	174
Delfina da Cunha	*Ismael Gomes Braga*	177
O Espiritismo e a evolução geral	*Deolindo Amorim*	179
Livros... Livros a mancheias	*Leopoldo Machado*	180
Uma criança que adivinhou a própria morte	*Spártaco Banal*	182
Os Fenômenos Espíritas	*João Leão Pitta*	183
D. Gracinda Batista	*Redação*	185
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*	186
A Unidade Religiosa	*Genesio Nitrini*	188
Crônica Estrangeira	*Redação*	191
Espiritismo no Brasil	»	194

N.º 10 — NOVEMBRO DE 1954

Dia dos Mortos	*Redação*	197
Os Fenômenos Espíritas	*João Leão Pitta*	200
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*	202
Experiência que pode ser repetida	*G. Burchett*	205
Réplica a uma crítica injusta	*Manoel Alba*	207
Personalismo e Individualismo	*Loiola*	208
Exagêro lamentável	*I. G. B.*	209
Paulo Hareng	*«Estudos Psíquicos»*	210
A Unificação virá de São Paulo	*Leopoldo Machado*	213
Crônica Estrangeira	*Redação*	215
Espiritismo no Brasil	»	218

N.º 11 — DEZEMBRO DE 1954

Natal	*Redação*	221
Hipótese	*I. G. B.*	222
Sugestão e Mediunidade	*Deolindo Amorim*	223
O exemplo da Índia	*Arnaldo S. Thiago*	225
Respondendo	*Major Levino C. Wischral*	226
Deus te salve, América!	*Leopoldo Machado*	228
O Planeta Marte	*Benedito Paula Bueno*	229
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*	231
Novo triunfo do Espiritismo	*Max Kohleisen*	236
Roteiro Literário	*LAKE*	237
Crônica Estrangeira	*Redação*	238
Espiritismo no Brasil	»	242

N.º 12 — JANEIRO DE 1955

17 Anos	*Redação*	245
Um médium erudito	*Ismael Gomes Braga*	246
Réplica a uma crítica injusta	*Arnaldo S. Thiago*	248
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*	249
Mediunidade e Sugestão	*Deolindo Amorim*	251
A propósito de um artigo	*Edson de Abreu*	252
Religião e Ciência	*Alberto Lopes*	255
Memórias de um espírita baiano	*Leopoldo Machado*	258
O Perispírito	*Trad. de Manuel Cavaco*	262
Crônica Estrangeira	*Redação*	263
Espiritismo no Brasil	»	266

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Noticias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura	simples	Cr.$ 50,00
	Semestre	— ,,	,,	25,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura	registrada	60,00
	Semestre	— ,,	,,	30,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura	simples	55,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura	registrada	70,00

NUMERO AVULSO CR. $ 4,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

8931CL PA 831
02-06-07 32180 XL
ITGroup